DN
Diário de Notícias

Diretor
Filipe Alves
Diretores Adjuntos
Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino

Segunda-feira
16.6.2025
Diário
Ano 161.º No. 56 980
€2,00
www.dn.pt
Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional



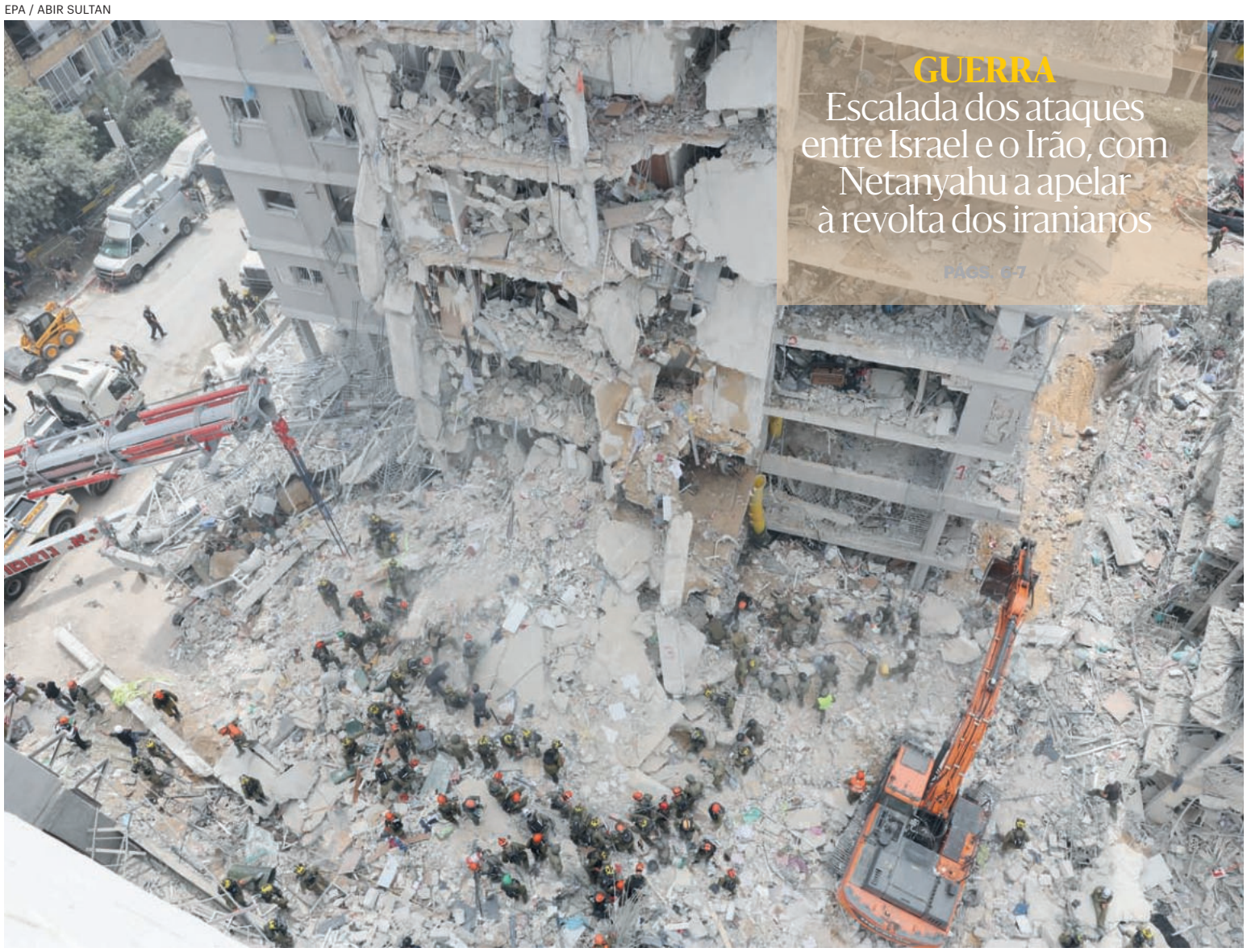
Cinema
Ser ou não ser 'queer', eis a questão
PÁGS. 28-29

DN Brasil
Missionário
Padre brasileiro assume paróquia em Lisboa. "A igreja é para todos, todos, todos"
PÁGS. 16-17

Médicos e enfermeiros menos satisfeitos trabalham na Grande Lisboa e Algarve

SAÚDE Mais de três mil médicos e enfermeiros participaram no primeiro estudo nacional sobre satisfação com a profissão no Serviço Nacional de Saúde (SNS) e no setor privado dos profissionais. Realizado pelo PlanAPP, organismo do Estado que apoia os governos na definição de políticas públicas, esta análise inédita revela diferenças entre gerações. Jovens são os mais insatisfeitos. Porém, de um modo geral, a satisfação com "a profissão é de razoável a elevada, talvez até superior ao que seria de esperar" e com poucas diferenças registadas entre as duas classes, lê-se no relatório final.
PÁGS. 10-11

EPA / ABIR SULTAN



GUERRA
Escalada dos ataques entre Israel e o Irão, com Netanyahu a apelar à revolta dos iranianos
PÁGS. 6-7

Presidenciais
Seguro quer ser "referência moral" e realça o que o diferencia de outros
PÁG. 8

Justiça
Duplo homicídio no Centro Ismaili. Como o tribunal quebrou o MP, que era contra condenar Abdul Bashir à cadeia
PÁGS. 12-14

Alexandre Lefebvre
PROFESSOR DE POLÍTICA E FILOSOFIA EM SIDNEY
"Defendo uma visão do liberalismo que enfatiza a liberdade e a justiça"
PÁGS. 20-21

João Varandas Fernandes
EX-VICE PRESIDENTE DO BENFICA
"Se Luís Filipe Vieira se candidatasse, apoiava-o, sem dúvida"
PÁG. 26

Opinião de Bernardo Ivo Cruz O Dia de Portugal e a responsabilidade da democracia
Rute Agulhas Queremos adultos que não aceitam a diferença? Eis a receita infalível
José Mendes A emergência dos cobardes PÁGS. 4-5



Editorial

Valentina Marcelino

Diretora adjunta do Diário de Notícias

Não, não temos medo

As palavras que ecoaram neste domingo em várias cidades portuguesas – "Não temos medo" – em homenagem ao ator Adérito Lopes, agredido por um suspeito de 20 anos investigado por alegadamente estar ligado a grupos violentos de extrema-direita –representam um grito de resistência e lucidez. Não, não temos medo, porque há mais força na democracia do que no ódio. Não, não temos medo, porque há mais gente disposta a defender a liberdade do que a destruí-la.

Mas este grito é também um aviso. O que se passou não é um caso isolado. É o mais visível dos sinais de que a extrema-direita criminosa em Portugal perdeu a vergonha, como vimos no 25 de Abril, em os seus membros não se coibiram sequer de atacar a polícia. Está a testar até onde pode ir sem consequências. O ataque a Adérito Lopes soma-se a *slogans* nazis em protestos, murais antifascistas vandalizados, discursos de ódio espalhados *online* e intimidações cada vez mais visíveis.

Mas não basta indignarmo-nos com as vítimas. É preciso falar daquilo que o Estado já faz – e daquilo que continua a faltar.

Sim, a Constituição é clara: organizações racistas e fascistas são proibidas. A Polícia Judiciária tem feito o seu trabalho: dezenas de detenções nos últimos anos, desmantelamento de células extremistas, apreensões de armas e condenações históricas, como a do racista neonazi Mário Machado. A PSP e a GNR têm estado nas escolas com milhares de ações de sensibilização, levando temas como discurso de ódio e literacia digital aos alunos. O Serviço de Informações de Segurança (SIS) está atento, como tem demonstrado o seu diretor-geral.

Contudo, não basta que estes façam o seu trabalho se o Sistema de Segurança Interna, responsável por executar a Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo (ENCT), que prevê várias medidas de prevenção dos extremismos violentos, optar por silenciar partes da realidade. Já aqui referimos, mais do que uma vez, o episódio recente da omissão, no RASI 2024, de referências aos grupos de extrema-direita detetados em Portugal (como o Blood & Honour). Não reconhecer o inimigo é o primeiro passo para deixá-lo crescer. Quando o Estado suprime dados, não comunica com clareza os riscos, nem atua com transparência perante a radicalização – produz um silêncio institucional que deixa os cidadãos desconfiados.

No âmbito da ENCT de 2015, e revista em 2023, está prevista, além das ações de sensibilização realizadas, a criação de uma rede nacional de denúncia comunitária, fundamental para que cidadãos, escolas e organizações possam, em modelo de deteção precoce, reportar sinais de radicalização, que ainda não foi concluída.

E falta também uma avaliação independente da eficácia das medidas em curso. Sabemos quantas ações foram feitas, mas não quantos riscos foram evitados. Ficamos com estatísticas de sessões em escolas, mas quantos radicalizados foram travados? Quantos grupos foram neutralizados? Quem está a medir resultados?

É motivo de reflexão quando ouvimos o diretor do Teatro Nacional D. Maria II, Pedro Penim, em entrevista ao *Expresso* desta semana, alertar para os sinais preocupantes vindos sobretudo das sessões escolares. "Aí, vê-se que os comentários têm um tom bastante politizado, de defesa extemporânea de movimentos políticos ligados à direita radical." E acrescenta: "Gestos como saudações nazis e palavras de incitação ao ódio contra quem está em palco, pessoas que se levantam a meio da peça e vociferam, ou que invadem as conversas prévias" tornaram-se mais comuns. Penim fala de um "aval do poder político" que banaliza o que noutros países é claramente proibido. Não era precisamente estas radicalizações que deveriam estar a ser detetadas e combatidas?

Portugal tem tudo para fazer frente à ameaça. Tem leis. Tem altos-dirigentes policiais e de informações empenhados. Tem uma Constituição que sabe distinguir liberdade de ódio. Mas falta mais determinação política para enfrentar este problema sem filtros, sem receios, sem silêncios e sem confundir a população com comparações fúteis e não-baseadas em factos. Há uma diferença clara e quantificável: a extrema-direita representa hoje o risco mais organizado, mais violento e ideologicamente mais perigoso para a democracia portuguesa.

"Não temos medo" não é apenas uma resposta emocional a um crime. É uma exigência racional de coragem política, de transparência estratégica e de justiça ativa. Quem é alvo de ódio não pode continuar a viver com a dúvida sobre se o Estado está mesmo do seu lado. E quem propaga esse ódio tem de saber que o Estado não hesitará em intervir – com leis, com ações e com memória. Se queremos continuar a dizer que Portugal é uma democracia firme e saudável, então a extrema-direita violenta – tal como extremistas de esquerda, quando assim suceder – tem de ser enfrentada. Com leis, com Educação, com tribunais. E com a verdade: o medo não nos paralisa – mas a indiferença pode destruir tudo o que construímos.

OS NÚMEROS DO DIA

110

MILHÕES DE EUROS

Foi quanto gastou o BCP no programa de recompra de ações que está a levar a cabo, tendo adquirido 182.927.967 títulos e detendo 1,21% do seu capital social.

7.º

LUGAR

Foi a classificação do judoca português Otari Kvantidze que se estreou em Campeonatos do Mundo na categoria de -73 quilos. O atleta do Sporting despediu-se de Budapeste como o melhor português, após as eliminações de Catarina Costa e Miguel Gago.

600

PESSOAS

Estiveram presentes numa manifestação nas ruas de Barcelona em protesto contra o turismo de massas na cidade.

22

TÍTULOS

É o número de campeonatos de futebol sub-17 ganhos pelo Benfica, depois de se ter sagrado Tricampeão Nacional da categoria ao vencer ontem o FC Porto por 2-1. Os encarnados são os mais titulados neste escalão, seguido dos dragões com 20.

MÁRIO SOARES 100 anos

DN

Global Media GROUP

16.6.2025

Direção: Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Margarida Vaqueiro Lopes e Pedro Sequeira **Editores executivos adjuntos** Ricardo Simões Ferreira e Rui Frias **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Carla Alves Ribeiro, Carlos Nogueira e Sofia Fonseca **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Caroline Ribeiro, César Avó, David Pereira, Ilídia Pinto, Isaura Almeida, Luís Reis Ribeiro, Mariana de Melo Gonçalves, Nuno Tibiriçá, Rui Miguel Godinho, Rute Simão, Sónia Santos Pereira, Susana Salvador, Susete Henriques e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Filipa Rodrigues **Dinheiro Vivo** Filipe Alves (Diretor) **DN Brasil** Amanda Lima (Editora), Nuno Tibiriçá **Fotografia** (Global Imagens) Gerardo Filipe Santos, Leonardo Negrão, Paulo Spranger e Reinaldo Rodrigues **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio, Leonardo Ralha, e Luís Reis Ribeiro **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. **Tel.:** 213 187 500. **Fax:** 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. **Tel.:** 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. **Tel.:** Redação: 961 663 378; Publicidade: 213 187 500. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de dezembro 2024: 6 084 exps.

VISAPRESS© Direitos de Autor Protegidos apct

PUBLICIDADE

Ler é poder. E agora é **grátis!**

Se tens entre 15 e 18 anos, resides em Portugal e queres ter acesso ao melhor jornalismo, subscreve o Diário de Notícias

Aproveita a **Assinatura Gratuita** do Diário de Notícias durante **2 anos**!



1. Entra em: **assinaturas.digital.gov.pt**

2. Usa a **Chave Móvel Digital ou Cartão de Cidadão**

3. Escolhe o **Diário de Notícias**

4. Verifica o teu e-mail

5. Ganha acesso a todas as nossas **notícias**

Esta oferta faz parte de uma das medidas do Plano Nacional de Literacia Mediática

DN Diário de Notícias
dn.pt



O Mundo Visto do Centro

Bernardo Ivo Cruz

O Dia de Portugal e a responsabilidade da democracia

No passado 10 de Junho, Lídia Jorge ofereceu ao país um discurso de grande sobriedade e exigência, recordando que Portugal é, desde a sua origem, uma nação mestiça, construída a partir de encontros, desencontros e reconciliações. "Nenhum de nós tem sangue puro" afirmou ela, acrescentando que "cada um de nós é uma soma do nativo e do migrante, do europeu e do africano, do branco, do negro e de todas as outras cores humanas. Somos descendentes do escravo e do senhor que o escravizou."

Pouco depois, o Presidente da República retomaria o mesmo tema, lembrando todos os povos que ao longo da História por aqui passaram e ficaram e concluiu dizendo que "não há quem possa dizer que é mais puro e mais português do que qualquer outro."

Esta consciência histórica, assumida sem nostalgia nem fraqueza, é o alicerce da nossa identidade democrática e antídoto contra extremismos identitários.

Mas, nesse mesmo dia, as ruas de Lisboa e do Porto expuseram a negação dessa memória. No Monumento aos Combatentes em Lisboa, o imã David Munir, líder da comunidade muçulmana, foi insultado com gritos de "traidor" e "não é a tua pátria", acompanhados pela saudações nazi.

Horas depois, à porta do Teatro A Barraca, um grupo organizado de extrema-direita atacou fisicamente o ator Adérito Lopes. E no Porto, voluntárias que distribuem comida pelos sem-abrigo da cidade foram acusadas de "incentivar a imigração", insultadas e agredidas.

Estes episódios não foram incidentes isolados. Antes constituem manifestações públicas e deliberadas da rejeição dos valores fundamentais da democracia plural.

No mesmo dia, vivemos duas faces da nossa realidade. De um lado, o reconhecimento da diversidade como traço fundador da nossa comunidade e, do outro, a tentativa violenta de impor narrativas de pureza racial e cultural incompatíveis com o Estado de Direito. Estas agressões não visam apenas quem as sofre diretamente mas são ataques organizados, à própria democracia.

As democracias estão sob ataque e a Nova Zelândia tornou-se a uma referência ética e política. Em 2019, na cidade de Christchurch, um racista assassinou 51 pessoas em dois ataques coordenados contra fiéis muçulmanos. Foi um dos atentados mais brutais de ódio racial e religioso da História recente. Perante esta tragédia, a primeira-ministra Jacinda Ardern respondeu com um humanismo resoluto e firme: condenou o ódio sem ambiguidades, acolheu com empatia as comunidades atingidas, recusou amplificar a mensagem do agressor, legislou rapidamente para restringir o acesso a armas de guerra e uniu a sociedade numa rejeição inequívoca da intolerância e da violência. Foi uma liderança serena, mas determinada. Precisamente o tipo de resposta que as democracias exigem quando confrontadas com o extremismo organizado.

> **"No mesmo dia, vivemos duas faces da nossa realidade. De um lado, o reconhecimento da diversidade como traço fundador da nossa comunidade e, do outro, a tentativa violenta de impor narrativas de pureza racial e cultural incompatíveis com o Estado de Direito."**

Portugal não está imune. Os sinais estão aí. O 10 de Junho de 2025 ficará como o retrato desta encruzilhada entre a memória que une e a negação que procura dividir. Quem acredita na democracia não pode baixar os braços, ceder ao cansaço ou normalizar o inaceitável. Perante esta realidade, não há espaço para hesitações ou neutralidades. A defesa da democracia exige mais do que palavras corretas e gestos simbólicos. Exige coragem política, firmeza institucional e mobilização cívica ativa. Como a Nova Zelândia mostrou, a democracia não se defende apenas com indignação. Defende-se com humanidade e compaixão tranquilas, com decisão justa, com mobilização firme e com a coragem de agir enquanto ainda é tempo.

Professor Convidado IEP/UCP e NSL/UNL

OLHAR



Centenas de pessoas participaram na *Marcha do Silêncio*, em Cali, Colômbia, durante o dia de ontem. A mobilização foi convocada para expressar solidariedade para com o senador e candidato presidencial Miguel Uribe Turbay, depois de este ter sido atacado e gravemente ferido a 7 de junho, e após a vaga de ataques terroristas que deixou oito mortos e mais de 80 feridos no sudoeste do país, a 10 de junho.

FOTO **ERNESTO GUZMAN JR /EPA**



A Psicologia ao serviço de todos nós

Rute Agulhas

Queremos adultos que não aceitam a diferença? Eis a receita infalível

Diversas situações de violência que ocorreram recentemente no nosso país – e que, infelizmente, não são caso único –, exigem alguma reflexão sobre o caminho que estamos a seguir, enquanto sociedade, no que respeita à capacidade (ou incapacidade) de aceitar os outros, sejam eles brancos ou negros, altos ou baixos, do Sporting ou do Porto, nascidos em Portugal ou em qualquer outro canto do mundo, crentes em Deus ou em Deus nenhum, que gostam de pessoas do mesmo género ou de um género diferente do seu…

Sabemos que as crianças não nascem racistas. Nas salas de creche e jardim de infância, observamos as crianças a interagir umas com as outras, a partilhar brincadeiras e a aceitar, sem juízos de valor, os outros. Sejam eles quem forem.

Depois, à medida que crescem, vemos surgir o gozo, a humilhação, a exclusão e mesmo a violência, nas suas mais diversas formas. E, assim, encontramos jovens e adultos que não aceitam a diferença, que discriminam, marginalizam e agridem.



Naturalmente que este produto final é multideterminado, ou seja, resulta de diferentes variáveis e circunstâncias, individuais, familiares e sociais. Ainda assim, atrevo-me a sugerir uma receita para conseguirmos adultos racistas, que não respeitam a diversidade, nem a inclusão, violando os Direitos Humanos das mais variadas formas.

Principais Ingredientes:

• Adultos que modelam a discriminação e que mostram, por palavras e atos, que não aceitam a diferença. Podem rir de uma piada racista, referir-se a alguém como "o gordo", "o preto" ou "a brasileira" ou, ainda, transmitir a ideia de que quem é diferente é necessariamente inferior.

• Generalizações abusivas como, por exemplo, "os negros são todos violentos", "os imigrantes roubam-nos o trabalho" ou "os ciganos são ladrões". Este tipo de distorção, "metendo tudo e todos no mesmo saco", impede que se tenham em conta as diferenças individuais e que se reconheça que somos todos diferentes, o que não significa que isso seja necessariamente mau.

• Ausência de empatia, mantendo o foco nas necessidades do "eu" e desvalorizando as necessidades do "outro". Pensar e dizer, por exemplo, "quero lá saber o que o outro sente", pode ser uma boa forma de ilustrar esta autocentração.

• Críticas destrutivas, focadas no comportamento, mas também na maneira de ser, associando-as a determinadas características da pessoa. Por exemplo, "tem más notas porque é burro, nem sequer fala bem a nossa língua"; "vem de outro país, é ladrão e temos de ter cuidado com ele"; "é preto, não se podia esperar grande coisa"; ou "tudo o que aquele *gay* faz é uma vergonha".

Se queremos uma sociedade racista e violenta, este é o caminho a seguir.

Se, pelo contrário, queremos uma sociedade mais justa e inclusiva, pois devemos seguir o caminho oposto, não esquecendo que um adulto violento foi, antes disso, um adolescente, uma criança e um bebé.

Psicóloga clínica e forense, terapeuta familiar e de casal



Ideias em movimento
José Mendes

A emergência dos cobardes

Nos últimos tempos, uma nova forma de violência tem vindo a ganhar terreno. É uma violência sem coragem, mas com dentes afiados. Cobarde, mas crescente. Violência que não se assume como tal, mas que deixa rasto de sangue, de medo, de vergonha. Chamo-lhe a emergência dos cobardes. Não porque sejam menos perigosos, mas porque têm em comum traços reveladores: a tendência para agir em grupo, para se empoderarem pelas redes sociais e para negarem a autoria dos seus comportamentos.

Chamemos as coisas pelo nome. Cobardes são os que atacam em matilha um carro com quatro adeptos de um clube, ferindo dois com gravidade, à saída de um jogo de hóquei em patins. Dez? Vinte? Pouco importa. Atacaram em bando, como fazem os fracos quando querem parecer fortes. Como fazem os que precisam de ser muitos para esconder o nada que são sozinhos.

Cobardes são também os que, à porta de um teatro, esperam por um ator para o agredir a murro, sem provocação, sem palavra, apenas com o ódio na ponta dos punhos. Não se vislumbra qual a desculpa ou o motivo imediato, mas sente-se o ódio pelo outro, pelo diferente. Um dos agressores pertence a um grupo neonazi e já era conhecido dos serviços de informação. E, no entanto, lá estava, à solta, a fazer o que faz um cobarde, a atacar onde julga que não terá resposta.

Cobardes são ainda os que se juntam para insultar o imã David Munir no Dia de Portugal, ou para agredir voluntárias que distribuem comida a sem-abrigo. Porque os alvos são fáceis. Porque é mais simples cuspir ódio do que construir empatia. Porque a violência se vai banalizando, validada por movimentos políticos que transformam preconceito em programa e raiva em capital.

E há uma nova geração de cobardes: os que filmam as suas próprias atrocidades para ganhar seguidores. Quatro *influencers* violaram uma adolescente de 16 anos em Loures. Filmam. Partilham. Riem. Só depois, quando a polícia bate à porta, é que se lembram de apagar, negar, esconder. Não por arrependimento, mas por medo das consequências. Mais uma vez: cobardes.

O que une estes casos? A incapacidade de assumir. A coragem que só existe em grupo. A violência que só sai quando há câmara a filmar ou anonimato garantido. O desprezo pelo outro disfarçado de bravura. O ódio travestido de militância.

Mas há ainda um fator de contexto: a atmosfera. O caldo de cultura, que parece evoluir no sentido do extremismo, do mundo preto e branco. O ambiente propício à validação da violência contra minorias, contra quem pensa diferente. A ascensão da extrema-direita em Portugal — mesmo que negada, disfarçada ou relativizada — está a normalizar a linguagem do confronto, a legitimar o discurso da exclusão e a acender o rastilho da violência.

É neste cenário que os cobardes florescem. Alimentam-se da impunidade, da indiferença, da cumplicidade silenciosa. Mas denunciar não chega. É preciso nomear. E é preciso escolher: entre o silêncio ou a coragem de chamar os cobardes pelo nome.

> **"Chamo-lhe a emergência dos cobardes. Não porque sejam menos perigosos, mas porque têm em comum traços reveladores: a tendência para agir em grupo, para se empoderarem pelas redes sociais e para negarem a autoria dos seus comportamentos."**

Professor catedrático

GUERRA

Israel e Irão sobem tom e intensificam ataques. Netanyahu apela a que iranianos se revoltem contra o regime

MÉDIO ORIENTE Bombardeamentos prosseguiam ontem de ambos os lados. Houthis foram, até agora, único elemento do Eixo da Resistência a ter entrado no conflito ao lado de Teerão.



EPA / ABIR SULTAN

TEXTO **HELENA TECEDEIRO**

Enquanto as equipas de socorro revolviam os destroços em busca de sobreviventes, foi simbolicamente de uma varanda de um edifício residencial de Bat Yam, cidade a sul de Telavive, atingida durante a noite por um ataque iraniano, que o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, deixou o aviso: Teerão vai "pagar caro" pela "morte premeditada de civis, mulheres e crianças". Horas antes, e ainda as sirenes não tinham tocado em Israel a anunciar o primeiro ataque iraniano em pleno dia desde que as Forças Armadas israelitas haviam lançado a sua ofensiva contra a República Islâmica na sexta-feira, o presidente do Irão, Masoud Pezeshkian, ameaçou com uma resposta "mais decisiva e severa", caso Israel continuasse as "ações hostis" contra Teerão.

Apesar da subida de tom entre os dois lados em confronto, nos EUA Donald Trump afirma que "Irão e Israel deviam fazer um acordo, vão fazer um acordo". Mas o presidente americano não deixou de garantir que, "se formos atacados de qualquer forma pelo Irão, toda a força e poder das Forças Armadas dos EUA cairão sobre vocês em níveis nunca antes vistos". Trump negou qualquer intervenção americana nos ataques lançados por Israel contra instalações nucleares e militares iranianas e que mataram vários elementos das chefias militares, além de vários cientistas. Segundo duas fontes da Administração americana citadas pela Reuters, o presidente americano terá vetado um plano de Israel para assassinar o guia supremo iraniano, o *ayatollah* Ali Khamenei.

Numa entrevista à FOX News, Netanyahu admitiu que chegar a um acordo não é a sua prioridade. "Vale a pena, se eles fizerem o que o presidente [Trump] quer [e desmantelarem a sua capacidade nuclear]", afirmou. Mas Israel não vai esperar por isso. "A questão não é a desescalada. A questão, aqui, não é o cessar-fogo. A questão é parar aquilo que ameaça a nossa sobrevivência", explicou o primeiro-ministro israelita.

Questionado se o objetivo final será uma mudança de regime no Irão, Netanyahu admitiu que "poderia ser o resultado, porque o regime iraniano está muito enfraquecido". O chefe do governo israelita garantiu que a República Islâmica, instaurada em 1979, após o derrube da monarquia, "não tem o apoio do povo" e que "80% da população" quer derrubá-la. E recordou que "o povo persa e o povo judeu têm uma amizade antiga" e que "a decisão de agir, de se revoltar neste momento, é do povo iraniano".

O primeiro-ministro israelita parece ter aproveitado as denúncias, na quinta-feira, da Agência Internacional de Energia Atómica de que o Irão estava em "incumprimento" das suas obrigações pela primeira vez em 20 anos, para lançar um já muito antecipado ataque. Israel, apesar de manter a ambiguidade sobre o seu programa e arsenal, está empenhado em continuar a ser a única potência nuclear da região, contrariando as ambições do vizinho Irão, que sempre negou querer a bomba, garantindo que o seu programa nuclear tem fins meramente civis. A sexta ronda de negociações entre EUA e Irão, prevista para ontem em Omã, foi entretanto cancelada.

> O presidente dos EUA, Donald Trump, terá vetado um plano de Israel para assassinar o guia supremo iraniano, o *ayatollah* Ali Khamenei.

O que Netanyahu também aproveitou foi o enfraquecimento do chamado "Eixo da Resistência". Nos últimos meses, Israel conseguiu enfraquecer alguns dos grupos regionais financiados pelo Irão. Desde os ataques de 7 de outubro de 2023, em que militantes do Hamas entraram em Israel matando 1200 pessoas e sequestrando 250, o grupo palestiniano (sunita, ao contrários das outras milícias apoiadas por Teerão, que são xiitas, o ramo do Islão hipermaioritário no Irão), tem sido o principal alvo dos ataques de Israel em Gaza, com a sua liderança a ser decapitada, tanto as chefias militares, como o seu líder político, Ismail Haniyeh, assassinado em Teerão há quase um ano.

Quem também parece – pelo menos para já – empenhado em manter-se de fora deste conflito entre Israel e o Irão é o Hezbollah. O grupo xiita libanês era muitas vezes visto como a linha da frente da liderança iraniana num eventual conflito com o Estado judaico, mas o líder atual, Naim Qassem, limitou-se a condenar os ataques israelitas e a dar as suas condolências pelas mortes sofridas. Depois de, durante meses, ter bombardeado o norte de Israel em solidariedade com o Hamas, o Hezbollah acabou por se envolver numa guerra aberta com os israelitas, que resultou na morte do seu líder histórico, Hassan Nasrallah, e na destruição de parte do seu arsenal militar.

Na Síria, a queda do presidente Bashar al-Assad já deixara o Irão sem um aliado-chave e um ponto focal para a estratégia do Eixo. E, no Iraque, as milícias xiitas limitaram-se a criticar o governo de Bagdade por ter permitido que Israel usasse o seu espaço aéreo para atacar o Irão e apelaram a que "expulsasse urgentemente as forças hostis do país", numa referência às tropas americanas que se encontram no Iraque no âmbito da luta contra o grupo Estado Islâmico,



EPA / ABEDIN TAHERKENAREH

Em Bat Yam, a sul de Telavive, mísseis iranianos destruíram um prédio residencial. Em Teerão, eleva-se o fumo de uma refinaria atingida por Israel.

mas sem fazerem qualquer ameaça de uso da força. O Irão parece só poder contar, até ao momento, com um elemento do Eixo da Resistência: os Houthis. O grupo iemenita lançou vários mísseis contra território israelita nas últimas horas. "Triunfar pelos povos oprimidos da Palestina e do Irão... Esta operação foi coordenada com as realizadas pelo Exército iraniano contra o inimigo criminoso israelita", disse o porta-voz do Houthis, Yehya Sarea, num discurso citado pela Reuters.

Depois da primeira onda de ataques, na noite de quinta para sexta-feira, ter visado as instalações nucleares e militares do Irão, bem como as suas chefias militares – incluindo Hossein Salami, o líder dos Guardas da Revolução –, a poderosa força paramilitar da República Islâmica, e 14 cientistas nucleares, Israel dirigiu ontem os ataques contra a rede elétrica iraniana e contra depósitos de combustível e refinarias, com Teerão e outras cidades a serem abaladas também por explosões, que terão atingido edifícios do Ministério da Defesa. E promete não ficar por aqui, com as Forças Armadas israelitas a falarem de uma "longa lista" de alvos a atingir.

Um balanço das autoridades iranianas dava conta, ao fim da tarde, de 128 mortos e 900 feridos. Mas a Associated Press, citando os Ativistas dos Direitos Humanos, com sede em Washington, falava em 406 mortos e 654 feridos. O grupo cruza informações locais com uma rede de fontes que tem no Irão, explicou a AP, estando a trabalhar para identificar civis e pessoal dos serviços de segurança entre as vítimas.

Com as defesa antiaéreas a conseguirem destruir a maior parte dos mísseis e *drones* lançados pelo Irão em retaliação, Israel dava por seu lado conta de 13 mortos e pelo menos 150 feridos.

Dominar a Cimeira do G7

Todos achavam que seria a Ucrânia e as tarifas de Trump a dominarem a Cimeira do G7 que começa esta segunda-feira no Canadá, mas o conflito entre Israel e Irão promete impor-se na agenda dos sete países mais industrializados.

Ainda antes do encontro na província canadiana de Alberta, França, Alemanha e Reino Unido propuseram retomar as negociações nucleares com o Irão. O ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Johann Wadephul, foi encarregado de estender publicamente a mão a Israel, numa entrevista à rede ARD.

"A Alemanha, juntamente com a França e o Reino Unido, está pronta. Oferecemos negociações imediatas sobre o programa nuclear. Espero que a oferta seja aceite", afirmou o ministro, horas depois de o presidente da França, Emmanuel Macron, ter falado nesse sentido com o seu homólogo iraniano, Masoud Pezeshkian.

Antes de seguir para o Canadá, o chanceler alemão, Friedrich Merz, sublinhou que o Irão "nunca deverá ter armas nucleares". Uma posição partilhada pela União Europeia. "A UE sempre foi clara: o Irão nunca deve ser autorizado a adquirir uma arma nuclear", disse a chefe da diplomacia europeia, Kaja Kallas, garantindo que "a diplomacia deve prevalecer" e a UE a irá apoiar.

POPULAÇÃO, GASTOS EM DEFESA E OGIVAS NUCLEARES: IRÃO E ISRAEL FRENTE A FRENTE

Há três dias que os dois países têm trocado ataques, depois de Israel ter lançado uma ofensiva contra o Irão na noite de quinta para sexta-feira. Comparação entre os dois lados.

	IRÃO	ISRAEL
POPULAÇÃO	90 milhões	10 milhões
ÁREA	1,6 milhões de km²	22 mil km²
PIB	404 mil milhões de dólares (37.ª economia mundial)	513 mil milhões de dólares (26.ª economia do mundo)

FONTE: BANCO MUNDIAL

PIB *PER CAPITA*	4465 dólares	52.600 dólares
GASTOS EM DEFESA	7,9 mil milhões de dólares (2% do PIB)	46,5 mil milhões de dólares (8,8% do PIB)

FONTE: SIPRI

FORÇAS ARMADAS	610 mil militares no ativo + 350 mil reservistas	170 mil militares no ativo + 466 mil reservistas

FONTE: IISS - INSTITUTO INTERNACIONAL DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS

OGIVAS NUCLEARES	Que se saiba, nenhuma	90, apesar de manter a ambiguidade sobre o seu arsenal nuclear

FONTE: FEDERAÇÃO DOS CIENTISTAS AMERICANOS

REGIME POLÍTICO	República islâmica desde 1979 (queda da monarquia)	Democracia parlamentar desde 1948 (fundação do Estado de Israel)
LIDERANÇA	Guia supremo *ayatollah* Ali Khamenei, presidente Masoud Pezeshkian	Presidente Isaac Herzog, primeiro-ministro Benjamin Netanyahu



António José Seguro juntou centenas nas Caldas da Rainha.

FOTOS: PAULO SPRANGER

Seguro quer ser "referência moral" e realça o que o diferencia de outros

PRESIDENCIAIS Antigo secretário-geral do PS garantiu que a sua candidatura "não é partidária, nem nunca será", apesar de ter muitos destacados socialistas entre as centenas que o foram ouvir nas Caldas da Rainha. "Afastei-me quando podia dividir. Volto agora para unir", prometeu.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

António José Seguro fez a promessa de ser um Presidente da República com valores, princípios e "dimensão ética à prova de bala", numa apresentação de candidatura em que deixou claro que procura eleitorado para além do PS, por si liderado há uma década. "Esta não é uma candidatura partidária, nem nunca será", disse o homem que pretende ser "referência moral e não ruído mediático", perante várias centenas de apoiantes que encheram o auditório do Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha na tarde de domingo, referindo que "não há portugueses bons e portugueses maus, portugueses de primeira ou de segunda".

Dirigindo-se a pessoas "fartas de promessas vazias, jogos partidários e discursos que nada resolvem", Seguro definiu-se "livre" e "sem amarras". E guiado pelos "valores inegociáveis" da liberdade, igualdade, solidariedade, respeito pelo outro e seriedade, que encara como "pontos cardeais" para um percurso que permita "fazer de Portugal um país justo e de excelência".

Entre as causas que espera defender no Palácio de Belém, caso vença as eleições presidenciais de janeiro de 2026, realçou a criação de riqueza, propondo-se a "promover os entendimentos necessários para uma economia mais produtiva e sustentável, ligada ao trabalho digno". Com uma nova cultura política, baseada no diálogo e compromisso, "afastando de vez a cultura da tribo e das trincheiras".

Um dos maiores objetivos do discurso de António José Seguro foi realçar diferenças para com Marcelo Rebelo de Sousa, defendendo que o chumbo do Orçamento do Estado "não implica automaticamente a dissolução do Parlamento". E para com os principais rivais na corrida a Belém. De forma indireta, no caso de Marques Mendes, ao dizer que Portugal "ganha quando não coloca todos os ovos no mesmo cesto". E notoriamente no que toca a Gouveia e Melo, referindo que o comandante supremo das Forças Armadas "não pode ser visto nem pensado enquanto possuidor de um poder de comando direto". E ao deixar uma garantia aos eleitores: "Não preciso de aprender no cargo. Chego preparado."



João Soares esteve entre os que se deslocaram às Caldas da Rainha.

Se algum dos presentes tivesse esquecido, Seguro recordou ainda que, em 2007, liderou a reforma que levou à realização de debates quinzenais com o primeiro-ministro e que, dois anos mais tarde, "sozinho me levantei para votar contra o Lei do Financiamento dos Partidos Políticos". Também não deixou de fora a travessia do deserto encetada após perder a liderança do PS para António Costa. "Afastei-me quando podia dividir. Volto agora para unir", disse quem ouvira a filha, Maria Seguro, recitar, no início da apresentação – que também teve um ator a interpretar o ilustrador e ceramista Rafael Bordalo Pinheiro, que tal como Seguro escolheu a cidade das Caldas da Rainha para ir viver – versos de Miguel Torga: "Enquanto não alcances, não descanses. De nenhum fruto queiras só metade."

Apoiantes de peso

Mesmo sem os atuais dirigentes nacionais do PS, nem o candidato único à liderança do partido, António José Seguro não se pôde queixar de falta de apoio de militantes destacados. Lá estiveram, na frente da plateia do Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha, o eurodeputado Francisco Assis, a antiga candidata presidencial Maria de Belém Roseira, os deputados socialistas Hugo Costa (presidente da Federação de Santarém), Pedro Coimbra (presidente da Federação de Coimbra), Pedro do Carmo e Jamila Madeira, que tem o mandato suspenso e pertence ao núcleo duro de José Luís Carneiro.

E ainda o ex-eurodeputado Carlos Zorrinho, candidato do PS à Câmara de Évora, os antigos ministros socialistas Adalberto Campos Fernandes e Alberto Martins; o presidente da SEDES, Álvaro Beleza; o antigo secretário-geral da União Geral dos Trabalhadores, João Proença; e João Soares, filho do fundador do PS, muito saudado por Seguro, que repetira "os portugueses conhecem-me", marca dos discursos de Mário Soares.

Também na lista de apoiantes passou a estar António Rebelo de Sousa, irmão do Chefe de Estado. E Varandas Fernandes, antigo vice-presidente do CDS.



JOSÉ COELHO/LUSA

Marques Mendes na apresentação da candidatura à Presidência da República.

Filho de Jorge Sampaio apoia Marques Mendes à Presidência da República

APOIO André Sampaio diz que conhece o antigo líder do PSD há muitos anos e considera que "é uma pessoa que se preocupa genuinamente com os outros".

O economista André Sampaio, filho do antigo Presidente da República Jorge Sampaio, apoia a candidatura de Luís Marques Mendes a chefe de Estado e destaca a sua experiência, conhecimento e espírito agregador.

André Sampaio vai integrar a comissão política da candidatura do antigo líder do PSD, que é presidida por Francisco Pinto Balsemão.

A notícia foi avançada pelo jornal *Público* e confirmada pela agência Lusa junto da candidatura de Luís Marques Mendes.

Numa nota, à qual a Lusa teve acesso, André Sampaio diz que conhece Luís Marques Mendes há muitos anos e considera que "é uma pessoa que se preocupa genuinamente com os outros".

"É, a meu ver, o protagonista certo para perceber e unir as diferentes gerações de portugueses, para ir ao encontro das suas expectativas e interpretar os seus legítimos receios e preocupações", defendeu André Sampaio.

Hoje, segunda-feira, vai decorrer uma apresentação da comissão de honra em Coimbra, depois da primeira apresentação, que decorreu em Lisboa no início do mês.

Este domingo, 15 de junho, a candidatura divulgou mais personalidades que apoiam Luís Marques Mendes, ligadas àquela região, como o antigo presidente da Académica Paulo Almeida, o antigo presidente da Câmara de Coimbra Carlos Encarnação, o reitor da Universidade de Coimbra, Amílcar Falcão, o antigo secretário de Estado Paulo Júlio, Isabel Damasceno, presidente da CCDR do Centro, ou o antigo presidente do Tribunal Constitucional, José Manuel Cardoso da Costa. Estes apoios juntam-se a outros já conhecidos, como Leonor Beleza, que preside à comissão de honra da candidatura, Manuela Eanes, a escritora Alice Vieira, o apresentador António Sala ou o antigo treinador de futebol Toni.

Luís Marques Mendes conta também com o apoio do PSD, partido que liderou entre 2005 e 2007.

DN/LUSA

Hoje é apresentada, em Coimbra, a comissão de honra de Marques Mendes, depois da primeira apresentação que decorreu em Lisboa

PUBLICIDADE



Médicos e enfermeiros menos satisfeitos trabalham em hospitais da Grande Lisboa e Algarve e têm duplo emprego

SNS Primeiro estudo nacional sobre satisfação dos profissionais, realizado pelo PlanAPP, organismo do Estado que apoia os governos na definição de políticas, revela diferenças entre gerações. Jovens são os mais insatisfeitos. Mas, no geral, a satisfação é "moderadamente positiva".



TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Quase três mil profissionais (2892), entre 1398 médicos e 1494 enfermeiros, divididos por graus de carreira, especialidades e por unidades hospitalares e de cuidados primários do país aceitaram participar no primeiro estudo nacional sobre a satisfação com a profissão, no Serviço Nacional de Saúde (SNS) e no setor privado. E os resultados revelam que, de um modo geral, a satisfação com "a profissão é de razoável a elevada, talvez até superior ao que seria de esperar" e com poucas diferenças registadas entre as duas classes, lê-se no relatório final da PlanAPP, organismo do Estado que analisa, planeia e apoia a definição e implementação de políticas públicas junto dos governos, divulgado há dias.

Segundo o estudo, realizado pela PlanAPP em parceira com o Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa, durante o ano de 2024, os médicos e enfermeiros mais jovens, que não se sentem valorizados na carreira, que trabalham em unidades hospitalares de Lisboa e Vale do Tejo (LVT) e do Algarve, e com duplo emprego ou multiemprego, são os mais insatisfeitos com a profissão – embora não tenha sido possível apurar se a insatisfação decorre, sobretudo, da situação de multiemprego, da acumulação de trabalho no SNS e nos prestadores privados, ou se dos motivos que levaram ao multiemprego, do sentimento de não-reconhecimento e das remunerações baixas.

Os profissionais com mais idade, já especialistas, com horários fixos e a trabalhar em unidades de cuidados primários, sobretudo no Alentejo, mas também no Norte e no Centro, são os que relatam maior satisfação. Os valores médios apurados, numa escala de 0 a 5, não deixam dúvidas, mostrando que, no caso dos médicos, os que revelam maior satisfação trabalham no setor privado, atingindo um valor de 3,69, enquanto que nos que trabalham no SNS o valor alcançado foi de 3,26.

Na classe da enfermagem, é precisamente o contrário: os que apresentam níveis de satisfação superiores desempenham funções no SNS (3,29), enquanto os que estão no setor privado apresentaram um valor de satisfação da ordem dos 3,19.

> Médicos com mais idade, já especialistas, com horários fixos e a trabalhar em unidades de cuidados primários, sobretudo no Alentejo, mas também no Norte e no Centro, são os que relatam maior satisfação.

É de destacar que este estudo sobre a satisfação dos profissionais de saúde é o sexto de uma série de trabalhos que têm vindo a ser feitos pelo PlanAPP com o objetivo de contribuir para a "qualificação e fortalecimento das políticas públicas de gestão e planeamento estratégico dos Recursos Humanos da Saúde". Neste sentido, o trabalho procurou "identificar e quantificar a importância relativa dos fatores de satisfação de profissionais de saúde de Medicina e Enfermagem em Portugal, nos setores público e privado, e os fatores/perfis de retenção profissional a nível nacional".

Média de idades das duas classes entre os 40 e 44 anos

Mas não só. Este estudo permite também traçar um retrato destas duas classes, ficando a saber-se que hoje ambas são compostas maioritariamente por profissionais do sexo feminino, que a média de idades é de 42 anos entre os médicos e de 44 entre os enfermeiros, e que há mais médicos e enfermeiros a trabalhar nos cuidados hospitalares do que nos cuidados primários, sendo que os primeiros tendem mais a ter uma situação de duplo emprego, ou de multiemprego, e os segundos a trabalhar mais só no SNS – aliás, de acordo com os dados agora revelados, só 47% dos médicos é que trabalha só no SNS, enquanto nos enfermeiros acontece o inverso: 75,7% trabalham só no SNS.

Olhando para o retrato traçado a nível de regiões, é no Norte e em LVT que estão concentrados a maioria dos recursos, sendo a questão regional um dos fatores que contribui para a satisfação dos profissionais, a qual varia para ambas as classes sobretudo com o tipo de unidade onde atuam, a região em que se encontram, as características do horário de trabalho, a exclusividade ou não (trabalhar para um único prestador), a idade e a ocupação de cargos de chefia.

No entanto, o relatório destaca que "a satisfação é particularmente influenciada por aspetos relacionados com os recursos disponíveis, as dinâmicas das equipas, o equilíbrio entre trabalho e família, os vencimentos e o contexto de prestação de cuidados".

Quanto ao regime de trabalho, fica a saber-se que a maioria dos médicos funciona em 40 horas semanais e os enfermeiros em 35 horas semanais, diferenças que se "devem às particularidades de cada uma das carreiras profissionais", explica o documento.

As diferenças sentem-se também quando se chega à análise sobre quem assume mais funções de chefia. "Há mais médicos a desempenharem mais frequentemente funções de coordenação ou de chefia de serviços ou de unidades, enquanto que na classe de enfermagem há um número mais elevado de profissionais sem responsabilidades de gestão".

Sobre o tipo de horário, há em ambos os grupos profissionais a trabalharem em horários fixos e por turnos, embora os enfermeiros apresentem maior prevalência de trabalho por turnos. A maioria dos médicos tem horários fixos, o que "pode estar relacionado com a natureza das funções em determinadas especialidades, nomeadamente na Medicina Geral e Familiar".

Outro aspeto em destaque no estudo tem a ver com a antiguidade nas instituições. Tanto médicos, como enfermeiros, estão nas mesmas organizações há mais de 10 anos, sendo a percentagem superior na profissão médica, a qual justifica esta antiguidade com o facto de estar no "local desejado de trabalho" e com "a formação recebida nesse local". Os enfermeiros, por seu lado, justificam a sua permanência com o facto de estes locais terem maior "proximidade à família e amigos".

Por fim, e no que toca ao rendimento líquido médio, o estu-



do indica que os médicos especialistas dividem-se entre os que recebem de 2000 a 2999 euros mensais e mais de 3000 euros, enquanto a maioria dos enfermeiros especialistas recebe entre os 1000 a 1999 euros.

Médicos mais satisfeitos trabalham nos centros de saúde e no Alentejo

Depois deste retrato, quem são afinal os médicos que se sentem satisfeitos com a profissão no SNS? O estudo indica que são os que trabalham "nos cuidados de saúde primários (centros de saúde), que possuem um horário de trabalho fixo, "os que evitam os desafios e os desgastes associados ao trabalho em regime de turnos e que mantêm uma relação de exclusividade com um único prestador". Mas também os que ocupam "cargos de chefia, um fator que contribui significativamente para uma perceção positiva em várias dimensões do trabalho". Tendencialmente, o retrato-tipo de um médico satisfeito é o de "um profissional mais velho a desempenhar funções na região do Alentejo."

De acordo com o estudo, os médicos a trabalhar nos cuidados de saúde primários apresentam maior satisfação em relação à profissão quando comparados com os colegas nos cuidados hospitalares em várias dimensões, nomeadamente "na satisfação com o responsável ou chefe de serviço, com os recursos humanos, com o relacionamento entre equipas e profissionais, com a conciliação do trabalho e família, com a carreira e a formação contínua, com o estado de espírito no local de trabalho, as características do trabalho, o vencimento, os órgãos de direção política da instituição, a qualidade da prestação dos cuidados no serviço e a melhoria contínua da qualidade".

> Nos enfermeiros, a satisfação também é influenciada "por aspetos relacionados com os recursos disponíveis, pelas dinâmicas das equipas, equilíbrio entre o trabalho e vida familiar, vencimento, e prestação de cuidados".

Os que trabalham nos cuidados hospitalares mostram maior satisfação apenas no que toca "ao contexto de prestação de cuidados e equipamento".

Em relação à satisfação tendo em conta as regiões, o estudo não deixa dúvidas: "Os médicos na região do Alentejo são os mais satisfeitos, (apresentam níveis de satisfação mais intensos relativamente às demais regiões e para um grande número de dimensões)."

Ao passo que "os médicos "a trabalhar no Algarve estão claramente mais insatisfeitos (apresentam níveis de insatisfação mais intensos relativamente às demais regiões e para um grande número de dimensões), seguindo-se depois os profissionais da região de Lisboa e Vale do Tejo (onde os níveis de insatisfação são claros, embora não tão pronunciados quanto na região algarvia, e igualmente para um grande número de dimensões)".

No Norte e Centro, os médicos apresentam "um perfil de satisfação semelhante: níveis tendencialmente mais elevados para várias dimensões da satisfação, ainda que a respeito de dimensões diferentes".

Segundo o estudo, esta leitura territorial mostra existirem "disparidades regionais importantes nos resultados, ou seja, que a satisfação ou insatisfação dos médicos e respetivos motivos não são transversais no SNS, pelo que não é possível corrigir as situações geradoras de insatisfação apenas através de medidas gerais e transversais à profissão", podendo mesmo dizer-se que "haverá aspetos mais amplos relacionados com a vida que influenciam positivamente a satisfação profissional dos médicos".

Ou seja, "são necessárias abordagens que contemplem as condições de trabalho, concretas e diferenciadas, no SNS. Haverá, por certo, decisões estratégicas que devem ser tomadas ao nível das organizações de saúde (agora transformadas em ULS), ao mesmo tempo que os dados reforçam a necessidade de melhor compreender as particularidades das relações público-privadas no território e os efeitos que podem produzir na satisfação desta força de trabalho".

Enfermeiros mais satisfeitos no SNS têm horários fixos e ocupam cargos de chefia

Em relação à classe da enfermagem, o estudo explica que a satisfação varia, sobretudo, "em função de fatores como a idade, funções desempenhadas, ocupação de cargos de chefia, tipo de prestador onde atuam, características do horário de trabalho e a exclusividade ou não de trabalhar para um único prestador".

Mas é ainda referido que a satisfação também é influenciada "por aspetos relacionados com os recursos disponíveis nas unidades, com as dinâmicas das equipas, o equilíbrio entre trabalho e vida familiar, o vencimento, as características do trabalho e o contexto de prestação de cuidados", sublinhando ainda que não foram "observadas variações significativas na satisfação global entre regiões". O que não aconteceu com os menos satisfeitos.

Em termos de perfil, "o enfermeiro mais satisfeito é tendencialmente mais velho, desempenha funções de gestor ou é especialista, trabalha nos cuidados de saúde primários, possui um horário de trabalho fixo, evitando os desafios e desgastes associados ao trabalho em regime de turnos, e mantém uma relação de exclusividade com um único prestador do SNS e ocupa cargos de chefia".

E por que é que quem trabalha nos cuidados de saúde primários (centros de saúde) apresenta maior satisfação do que os que trabalham nos cuidados hospitalares? Os itens referidos foram: "Satisfação com responsável ou chefe de serviço, recursos humanos, relacionamento entre equipas e profissionais, conciliação trabalho e família, carreira e formação contínua, estado de espírito no local de trabalho, características do trabalho, vencimento, órgãos de direção política da instituição, qualidade da prestação dos cuidados no serviço e melhoria contínua da qualidade".

No documento é explicado que "estes resultados podem refletir uma de duas coisas, senão ambas em simultâneo: menor pressão associada ao trabalho no âmbito dos cuidados de saúde primários ou menor pressão associada a escalas e trabalhos por turno". Tal como os médicos, os enfermeiros que trabalham nos cuidados hospitalares só demonstram maior satisfação em relação aos colegas dos cuidados primários no que respeita ao "contexto de prestação de cuidados e equipamento".

Relativamente às regiões, os enfermeiros que trabalham no Alentejo e na zona Centro tendem a estar mais satisfeitos, do que os que trabalham no Algarve, LVT ou até no Norte.

Condições de trabalho contribuem para mais satisfação no privado

Quando se aborda a satisfação no setor privado, tanto para médicos como para os enfermeiros as condições de trabalho são dos fatores que mais contribuem para a satisfação no setor privado. Segundo o estudo, "as diferenças nos perfis de satisfação entre médicos e enfermeiros do setor privado são pouco significativas, refletindo uma relativa homogeneidade nas condições e no ambiente de trabalho, bem como nas características dos profissionais que atuam nesse setor", embora, e de uma forma geral, "fatores como a idade, as características do horário de trabalho e a ocupação de cargos de chefia exerçam influência clara na satisfação".

Duplo homicídio no Centro Ismaili. Como o tribunal quebrou a tese do MP que era contra condenar Abdul Bashir à cadeia

JUSTIÇA O tribunal confirmou que quando o afegão recebeu asilo em Portugal estava a ser investigado na Grécia por suspeita de homicídio, mas o mandado só foi emitido três meses depois de ter chegado, sem que as autoridades nacionais tivessem sido alertadas. Passados 525 dias esfaqueou as duas mulheres que cuidavam da sua integração e dos filhos menores. Foi condenado à pena máxima, de 25 anos. A defesa recorreu e os psiquiatras protestaram contra os psicólogos.



TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

A condenação à pena máxima, 25 anos, do regime penal português do homem que confessou ter esfaqueado até à morte, em 2023, duas mulheres no Centro Ismaili, em Lisboa, contrariou a tese do Ministério Público (MP) que defendia a inimputabilidade de Abdul Bashir, refugiado afegão, propondo o seu internamento por três anos. O MP sustentou a sua proposta com base em avaliações psiquiátricas, segundo as quais Bashir sofria de esquizofrenia no momento em que assassinou Farana e Mariana, mas o tribunal procurou uma segunda opinião junto de peritos psicólogos forenses. E foi esta que acabou por vingar. A defesa anunciou que vai recorrer, psiquiatras protestaram e o processo de decisão fez história na Justiça.

Na sentença, a que o DN teve acesso, o tribunal explica por que concluiu que o MP estava errado, descrevendo todos os momentos da relação de Abdul Bashir com as vítimas – além das duas mulheres que o ajudavam a reconstruir a sua vida desde que chegara a Portugal, em 2021 (*ver cronologia*), também um professor do Centro Ismaili que lhe dava aulas de Português – até ao dia da tragédia.

> O MP sustentou a sua proposta, com base em avaliações psiquiátricas, segundo as quais Bashir sofria de esquizofrenia no momento em que assassinou Farana e Mariana.

Vale a pena transcrever *ipsis verbis* a reconstituição feita no acórdão sobre esse momento que culminou com o esfaqueamento de Mariana Jadaugy, 24 anos, e Farana Sadrudin, 49. "O arguido dirigiu-se a Farana, de repente e de surpresa, e com a faca empunhada na mão direita, desferiu-lhe golpes no pescoço, originando uma grande perda de sangue, que a fizeram cair inconsciente. (…) Mariana foi na sua direção para auxiliar. Nesse momento, o arguido investiu contra ela e desferiu-lhe vários golpes com a faca na zona do pescoço, até esta ficar sentada no chão em grande dificuldade, com as mãos no pescoço a tentar estancar o sangue que jorrava. (…) por se ter apercebido de que a vítima ainda estava viva, dirigiu-se novamente junto desta e voltou a esfaqueá-la enquanto ela gritava. (…) a vítima já estava junto à porta do gabinete de Farana, quando o arguido a agarrou, pela terceira vez, e com maior força ainda, desferiu-lhe facadas em várias partes do corpo, incluindo na cabeça, para a matar de vez, tendo esta ficado inanimada no chão, coberta de sangue. (…) Entre o início do esfaqueamento e a hora do óbito, mediaram aproximadamente 30 minutos, em que Mariana sofreu dores e angústia por perceber que ia morrer sem conseguir ser salva por ninguém."

A "frieza de um psicopata"

Por que o tribunal considerou como "não-provados" os factos relativos ao "estado de inimputabilidade" de Bashir à data da prática do factos?

Refere o acórdão que "foram realizadas diversas perícias médico-legais, quer de psicologia, quer de psiquiatria forense (…) que divergem no essencial". Na verdade, "só após a realização de vários exames, se conclui

> O tribunal considerou que "a posição sustentada pelo médico psiquiatra na última perícia realizada mostra-se frágil e foi contraditada pela demais prova (...) sendo que este mostrou desconhecimento dos factos".



que o arguido padece de esquizofrenia e de perturbação de personalidade mista (perturbação narcisista e de personalidade antissocial)", sendo que a questão aqui dirimida era a de saber "se, no momento da prática dos factos, o arguido estava afetado por ambas e, consequentemente, incapaz de se determinar segundo a sua vontade".

Para o tribunal "apenas uma das posições se mostra devidamente sustentada na demais prova produzida, sendo a mais coerente, mais consistente e mais próxima daquela que foi a realidade dos factos, trazida pelas testemunhas e pelos documentos juntos". Não ficou, assim, "qualquer dúvida de que o arguido, no momento da prática dos factos, não estava condicionado por nenhuma doença mental grave que lhe retirasse a autodeterminação e consciência da ilicitude dos seus atos".

As três magistradas que assinam o acórdão consideraram que "a posição sustentada pelo médico psiquiatra na última perícia realizada mostra-se frágil e foi contraditada pela demais prova", sendo que este "mostrou, também ele, fragilidades e desconhecimento dos factos".

Eis como os seus argumentos foram quebrados, ao elencar algumas diferenças entre um psicopata e um esquizofrénico, invocadas pelo psiquiatra. "Um psicopata não ia matar pessoas assim, sem lógica nenhuma, indiscriminadamente". Refuta o tribunal: "Não foi o caso. O arguido não matou indiscriminadamente. Dirigiu-se concretamente às duas pessoas que o vinham a afrontar ao longo dos meses e que considerava responsáveis pela sua condição de vida pouco favorável."

Defende o psiquiatra que "a ação do arguido foi desorganizada, que tinha de eliminar as ameaças e que podiam ter sido 15 em vez de três. Tudo sem lógica nenhuma, tudo com base em ideias delirantes". Discorda o tribunal, porque "o psicopata faz para não ser apanhado, faz de modo organizado. (…) O arguido também organizou os seus atos. Apesar de transportar uma faca consigo desde janeiro, apenas na véspera da viagem para o estrangeiro, decidiu eliminar as suas ameaças. E caso Mariana tivesse, desde logo, sucumbido, sem gritar, o arguido teria saído do Centro Ismaili sem ser surpreendido por ninguém."

Quanto à alegação de que Bashir "frisava bastante a questão da telepatia com a família Aga Khan e as invejas que isso criava", as juízas contrapõem que "nada disso consta dos *e-mails*, ao contrário" do que aquele perito supunha. Estes "mostram, até à data dos factos, um indivíduo altivo, prepotente convicto de que, a si, tudo lhe era devido e que as vítimas tinham obrigação de tratar de todos os seus problemas com urgência. O arguido não aceitava bem quando tal não sucedia, quando o contrariavam, ou quando exigiam que tomasse determinada atitude ou comportamento. E essa frustração é bem patente nos *e-mails* que ia mandando à princesa Aga Khan dando nota de que Mariana e Farana não lhe resolviam os problemas. (…) Logo, não foi sem lógica ou sem qualquer racionalidade, que o arguido saiu da sala e se dirigiu ao gabinete onde se encontravam as duas vítimas. Caso contrário, se apenas quisesse eliminar ameaças, indiscriminadamente, já todos fariam parte do plano conspirativo contra si, começando, desde logo pela sala de aula."

> "O número de facadas desferido na vítima Mariana espelha um sentimento de raiva e não de defesa (...). Quem tem apenas por móbil a sua defesa e fazer cessar uma ameaça (ainda que delirante) desfere 43 golpes?" questiona o tribunal.

Para reforçar esta tese é recordado ainda que, quando Bashir ia atacar o professor, que lhe gritou quando o viu de facas já ensanguentada na mão, e se cruzou com outro refugiado, não o atacou, dizendo antes para se afastar ou "se mataria". "Se não havia qualquer racional na atuação do arguido e se este apenas queria libertar-se das ameaças, agindo sem qualquer lógica, então porque não atacou também" este homem, questionam as magistradas.

43 facadas sinalizadas no corpo de Mariana

De igual modo, continuam no acórdão, "o concreto número de facadas desferidas na vítima Mariana, em momentos diversos, espelha um sentimento de raiva e não de defesa". Primeiro, "desferiu vários golpes na zona do pescoço de Mariana, que ficou sentada no chão, e saiu da sala. Porém, ao ver que Soraia J. a tinha ido ajudar, volta à sala e, pela segunda vez, esfaqueia Mariana. Como esta ainda continuava viva, agarrou-a e desferiu-lhe novos golpes em várias partes do corpo, inclusivamente na cabeça. Num total de 43 golpes. (…) Quem tem apenas por móbil a sua defesa e fazer cessar uma ameaça (ainda que delirante) desfere 43 golpes? Não conseguimos entender como assim se pode concluir. Tanto mais, quando a vítima a quem foi dirigida tamanha violência era a que mais contacto tinha com o arguido e quem mais repreendia e solicitava que adequasse o seu comporta-

continua na página seguinte »



LEONARDO NEGRÃO

O ataque no Centro Ismaili de Lisboa teve lugar a 28 de março de 2023.

» **continuação da página anterior**

mento às normas sociais e da instituição. Pelo que, não foi ao acaso que foi a mais atingida e com mais violência".

Em suma, é concluído, "a dinâmica dos factos resulta de uma ação lógica e apreensível a terceiros. A conduta do arguido não se mostrou aleatória, sem qualquer racional ou incompreensível. Teve fundamento para escolher umas vítimas em detrimento de outras, assente em factos passados com cada uma". Numa perícia realizada em junho de 2023, quatro meses depois do assassinato, Abdul Bashir disse: "Estas duas mulheres vieram abusar de mim, da minha confiança (…) sempre me consigo controlar, mas se a minha vida não é importante, a delas também não é. Controlei-me dois anos, ninguém consegue ser paciente por este tempo tão longo."

O tribunal assinala que em nenhuma das avaliações à saúde mental do arguido, envolvendo também psiquiatria, quer antes, quer após os homicídios, foi detetada a esquizofrenia. Aliás, a 31 de outubro de 2023, observado por psiquiatra do Estabelecimento Prisional junto à PJ, o doente estava "calmo, comunicativo, sem sintomas, sem medicação", situação que se "manteve até 26.2.2024", o que "espelha o desconhecimento" demonstrado pelo psiquiatra em tribunal e "a necessidade de justificar comportamentos do arguido que contradizem o diagnóstico que pretendia defender."

Perante esta análise feita pelo psicólogo forense, o coletivo optou por considerar que Abdul Bashir é imputável e, por isso, terá de cumprir pena numa prisão, por oposição ao regime de internamento, caso fosse considerado inimputável.

Finalmente, para a sua decisão, o tribunal teve ainda em conta o comportamento de Abdul Bashir ao longo de todas as sessões de julgamento: "manteve sempre uma postura atenta, interventiva, mas tranquila, querendo esclarecer e corrigir depoimentos prestados. Até no que reporta às concretas partes do corpo das vítimas que esfaqueou. Nunca transpareceu angústia ou medo. Nunca se emocionou. Pelo contrário, manteve sempre a frieza e a altivez no contacto visual, que foi constante durante o seu discurso".

O responsável foi Abdul Bashir, que Portugal acolheu e ajudou com os seus três filhos menores, sem que as autoridades gregas tenham informado que estava a ser investigado por suspeita de homicídio da sua mulher na Grécia.

Farana e Mariana perderam a vida, mas outras vidas ficaram para sempre marcadas. Os pais de Mariana, "a menina e a princesa da família", ficaram "deprimidos, angustiados e traumatizados com a morte prematura e violenta da filha". A mãe, "face ao quadro de depressão grave que desenvolveu, encontra-se de baixa médica desde maio de 2023". O pai "passou a ser uma pessoa revoltada e introspetiva". Os pais de Farana, na altura com 82 e 77 anos, sofrem. O professor, que sobreviveu às facadas, "passou a viver com pavor e medo (…) passou a sofrer de perturbações de sono (…) vive num estado depressivo (…) ficou sem qualquer atividade laboral até fevereiro de 2024".

O responsável foi Abdul Bashir, que Portugal acolheu e ajudou com os seus três filhos menores, sem que as autoridades gregas tenham informado que estava a ser investigado por suspeita de homicídio da sua mulher (*ver cronologia*) no campo de refugiados na Grécia. Confirmando o que o DN já tinha noticiado, o tribunal corrobora que aquele país emitiu um mandado de detenção em janeiro de 2022, mas com um apelido ligeiramente diferente (Khil em vez de Kheili) . Só depois do duplo homicídio foi emitido um mandado de detenção europeu com os dados pessoais corrigidos.

CRONOLOGIA

2016

Novembro Abdul sai Afeganistão com mulher e 1 filho nascido em 2014 para a Turquia, onde vivem dois anos e nascem outros dois filhos, em 2016 e 2019.

2019

Julho Chegam à Grécia indocumentados, à ilha Lesbos. Pedem proteção internacional e no dia a seguir são alojados no centro acolhimento.

5 dezembro Incêndio no contentor onde viviam mata a mulher

17 dezembro – Transferidos para o continente grego.

2020

19 outubro Entrevista para concessão asilo. Pede retificação de apelido khil para kheili e nascido em 1994 em vez de 1990.

5 novembro Concedido asilo

2021

– MP grego abre inquérito-crime contra Abdul, por suspeita de homicídio da mulher.

19 outubro Abdul e os 3 filhos chegam a Portugal ao abrigo do programa de recolocação refugiados.

É-lhes concedida proteção internacional. No processo não constava nenhuma suspeita de crime.

Novembro Começa a enviar mensagens a Farana, responsável pelo seu processo no Centro Ismaili.

2022

5 janeiro Tribunal grego emite mandado de detenção nacional em nome de Khil, nome anterior à retificação, nascido em 1990.

24 janeiro Abdul informa que está descontente com as suas condições de vida e que já não deseja o processo de reagrupamento familiar, nem colocar os filhos na escola.

16 fevereiro Viajam para a Alemanha.

22 fevereiro Requer asilo na Alemanha, que lhe é recusado por já o ter em Portugal.

28 março Envia SMS a Farana a assediá-la.

19 abril Regressa a Portugal.

20 abril Mariana passa a acompanhar o agregado familiar.

7 maio Farana responde a Abdul dizendo para parar de enviar aquele tipo de mensagem.

9 maio Abdul questiona Mariana sobre as aulas de Português e diz: "Tu gozas comigo, tem cuidado!"

Neste mês de maio é rastreado três vezes no âmbito da saúde mental pela Cruz Vermelha e nenhuma patologia deste foro lhe é detetada.

2 setembro Volta a mandar SMS a Farana e a insistir numa relação. Farana refuta e reporta superiormente.

Outubro Manda SMS a Mariana tentando aproximação romântica. Mariana sublinha que a sua relação é apenas profissional.

22 dezembro Deste dia a 28.3.2023 envia várias mensagens à princesa Aga Khan queixando-se pela forma como é tratado.

2023

Janeiro Abdul passa a andar com faca de cozinha, com uma lâmina de 13,9cm por 4cm.

6 março Mariana envia *e-mail* a Abdul, com Farana e o presidente da comunidade em cc a chamar a atenção para as recorrentes rejeições de emprego.

8 março Mariana faz relatório sobre situação de Abdul e a sua postura de resistência à integração.

15 março Emitido o alerta Schengen, com base no mandado de detenção grego.

21 março Abdul envia *e-mail* ao presidente da comunidade a dizer que, dada a solidão que sente com os seus filhos, quer regressar ao Paquistão, onde tinha família, e pede apoio para a deportação.

27 março Farana e Mariana conversam com Abdul sobre ter faltado a visita ao Zoo com os filhos, criticando a sua atitude.

28 março Abdul mata Farana e Mariana.

29 março Autoridades gregas emitem mandado de detenção europeu com ambos os apelidos e datas de nascimento de Abdul, na versão corrigida e na anterior.

Chega confirma Bruno Mascarenhas como candidato à Câmara de Lisboa

AUTÁRQUICAS Deputado municipal é a aposta de André Ventura para se intrometer na disputa entre Carlos Moedas e Alexandra Leitão. Há quatro anos, candidatando Nuno Graciano, o Chega não elegeu qualquer vereador.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

O Chega anunciou neste domingo que o atual deputado municipal Bruno Mascarenhas será o candidato do partido à presidência da Câmara de Lisboa nas eleições autárquicas que serão disputadas entre o final de setembro e o início de outubro.

O anúncio vem confirmar uma escolha que já era esperada dentro do partido, estando prevista uma sessão de apresentação do candidato na próxima semana, a cargo do presidente do Chega, André Ventura.

No comunicado do partido é destacado o "percurso profissional e político" de Bruno Mascarenhas, acrescentando-se que evidencia "enorme capacidade de trabalho, foco no serviço público e dedicação à causa pública".

Há quatro anos, nas eleições autárquicas de 2021, o Chega candidatou à Câmara de Lisboa o apresentador de televisão Nuno Graciano, entretanto falecido, mas não conseguiu eleger qualquer vereador, pois não foi além de 10.713 votos (4,41%).



D.R.

Atual deputado municipal do Chega foi o escolhido para a maior autarquia nacional.

Ligeiramente superior foi a votação para a Assembleia Municipal de Lisboa, permitindo eleger três deputados municipais, um dos quais Bruno Mascarenhas, que tem liderado a bancada.

Desta vez, o Chega espera intrometer-se na disputa entre o incumbente Carlos Moedas, cuja coligação Novos Tempos poderá vir a integrar também a Iniciativa Liberal, e a socialista Alexandra Leitão, que também procura entendimentos com partidos de esquerda, embora João Ferreira (CDU) e Carolina Serrão (Bloco de Esquerda) já tenham anunciado candidaturas. Nas eleições legislativas, disputadas a 18 de maio, o partido liderado por André Ventura foi a terceira força na capital, com 45.740 votos (14,53%).

Além da experiência autárquica, Bruno Mascarenhas trabalhou em empresas de consultoria, imobiliário e logística, tendo pertencido à direção do Sporting durante a liderança de Bruno de Carvalho.

PUB



Padre brasileiro assume paróquia em Lisboa. "A igreja é para todos, todos, todos"

MISSIONÁRIO Leandro Donelles é o primeiro sacerdote do Brasil a dirigir a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus e um dos poucos padres brasileiros em Portugal. Já conhece bem a vida de imigrante: esteve oito anos na França e, como missionário, tem o mundo como casa. No novo posto, tem como missão aumentar o número de fiéis da paróquia e dinamizar as atividades. E um arraial já está marcado para o dia 27.



FOTOS: PAULO SPRANGER

TEXTO **AMANDA LIMA**

O padre Leandro Donelles olha para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, com admiração. "É um santuário, me sinto muito bem aqui", revela ao DN Brasil o sacerdote, que é o primeiro brasileiro a assumir a paróquia, localizada no Centro de Lisboa. "Eu me sinto ao mesmo tempo com uma grande alegria de poder justamente começar esse trabalho de evangelização, de servir as pessoas – justamente para isso que eu me ordenei. E, ao mesmo tempo, sinto uma grande responsabilidade de poder ter essa missão e levar esperança", destaca o potiguar.

Ser imigrante, para o brasileiro, é algo que faz parte da vida: é missionário desde os 17 anos e estudou na França, onde foi padre durante oito anos. "Vamos onde o Evangelho nos chamar, temos missões em todo o mundo, com todos os povos", complementa.

Em 2023, o padre veio para Lisboa para ajudar no trabalho da Jornada Mundial da Juventude, com a visita do falecido papa Francisco. Leandro não veio sozinho. Estava acompanhado de missionários da comunidade Shalom, da qual faz parte. Gostaram tanto do trabalho desenvolvido que este ano veio o convite para trabalhar em Portugal. "Depois da Jornada Mundial da Juventude, o senhor patriarca de Lisboa, nos pediu para continuarmos, que nossa comunidade continuasse aqui em Lisboa, e nos confiou esta igreja no coração de Lisboa", destaca.

Da França, diz trazer boas lembranças e uma experiência que o ajuda na missão em Portugal. "Foi uma experiência muito bonita, de aprender e conhecer uma cultura belíssima, riquíssima, a cultura francesa no seu sentido literário, sentido de espiritualidade também. Foi preciso esse processo de aculturação, de entender como eles pensam e me aculturar e, assim, entrar nesse diálogo. Também poder trazer algo da minha cultura brasileira e também receber algo de belo com a cultura francesa, é uma troca muito bonita", analisa o sacerdote.

Segundo o padre, é importante o acolhimento para "todos, todos, todos", como disse o papa Franscisco, numa frase que entrou para a história. Leandro se revê na mensagem e diz que não pode ser diferente, porque esta é a visão do Evangelho. "Jesus mesmo disse: 'Eu fui estrangeiro, me acolheste.' Então, nós, como sendo aqui estrangeiros, somos sinal de esperança, também, para esse povo. É preciso ter essa caridade, essa misericórdia com as pessoas imigrantes", defende. Ao mesmo tempo, ressalta que é importante "ter uma organização, para que tudo possa acontecer de forma pacífica e acolhedora" e que vê a integração de brasileiros e portugueses como histórica. "Nós fomos evangelizados por Portugal e, agora, trazemos algo que pode também contribuir para o país, respeitando a cultura, estamos aqui para uma comunhão", afirma.

De acordo com Leandro, pela própria localização (próximo à Praça Marquês do Pombal), faz com que, naturalmente, os fiéis sejam de vários países. "Já temos brasileiros, portugueses, claro, tem polacos, africanos, te-

Mais uma estratégia é utilizar as redes sociais para divulgar as ações da paróquia, em especial o Instagram. São feitas publicações com as datas e horários das missas e eventos da igreja, além de vídeos do padre sobre o dia a dia na paróquia.

O DN Brasil é uma seção semanal e um *site* do Diário de Notícias dedicada à comunidade brasileira que vive ou pretende viver em Portugal. Os textos são escritos em português do Brasil.



Leandro nasceu no Rio Grande do Norte e se tornou missionário aos 17 anos. É padre há 13 anos e, antes de Lisboa, estava na França.



À frente da paróquia do Sagrado Coração de Jesus, uma das metas do brasileiro é "animar espiritualmente" a igreja e trazer mais fiéis.

"Jesus mesmo disse: 'Eu fui estrangeiro, me acolheste.' Então, nós, como sendo aqui estrangeiros, somos sinal de esperança, também, para esse povo. É preciso ter essa caridade, essa misericórdia com as pessoas imigrantes."

mos vários nacionalidades. Essa comunhão multicultural é muito bonita, é uma partilha de culturas", reflete.

Missas animadas com violão e saxofone

À frente da paróquia do Sagrado Coração de Jesus, uma das metas do brasileiro é "animar espiritualmente" a igreja e trazer mais fiéis. E algumas estratégias já estão em andamento e deram frutos. "Quando chegamos, já fizemos um seminário de vida no Espírito Santo, que nós chamamos de *Renascer*. Foi na época do Carnaval e já reuniu 60 pessoas. Consigo dizer que fomos muito felizes: 60 pessoas nas duas primeiras semanas que nós chegamos", conta.

Depois, foram criados dois grupos de oração, um nas quintas-feiras às 21h00, e outro aos sábados, às 16h30. "Já temos umas 40 pessoas", relata.

Outra estratégia é deixar as missas mais "animadas e bonitas". Um grupo de músicos com violão e saxofone passou a animar as missas. "A gente está tentando embelezar a missa, porque a beleza atrai as pessoas e o ambiente fica ainda mais acolhedor e bonito", destaca. O padre também ativou as redes sociais da paróquia, em especial o Instagram.

Mas não para por aí. Um dos objetivo é realizar mais convívios com os fiéis, as tradicionais festas que ocorrem tanto no interior do Brasil, quanto no interior de Portugal. A primeira já está marcada: será no dia 27 de junho, dia do Sagrado Coração de Jesus, logo após a missa das 18h30. "Teremos sardinhas, bifanas e um convívio em comunidade, de fraternidade e de festejar o Sagrado Coração. Queremos que seja a primeira de outras festas", relata. O padre já deixa o convite: todos podem participar.

Mais uma estratégia é utilizar as redes sociais para divulgar as ações da paróquia, em especial o Instagram. São feitas publicações com as datas e horários das missas e eventos da igreja, além de vídeos do padre sobre o dia a dia na paróquia. "Já conseguimos aumentar o número de pessoas nas nossas missas", celebra o pároco. Além do padre, a equipe da comunidade Shalom na paróquia é composta por mais quatro pessoas – três mulheres e um homem, sendo que mais uma missionária vai chegar em breve.

O padre diz ao DN Brasil que quer ser um mensageiro da esperança em Portugal. "Quero trazer esse anúncio de esperança neste tempo que está tão atribulado com guerras, com polarizações e a gente traz essa mensagem do amor de Deus, que é pra todos", pontua. Uma das maneiras de transmitir esta mensagem está justamente na tentativa de unir a comunidade. "A impressão que dá é que cada vez mais as pessoas estão mais solitárias, né? Elas não encontram mais alguém para serem escutadas. Eu encontro pessoas que vêm aqui e procuram simplesmente ser escutadas. E esse sentir-se comunidade, família, é possível, e eu acho que é o que mais se necessita numa metrópole como Lisboa, é essa proximidade, essa confiança, esse sentir-se família, sentir-se pertença de uma comunidade, de um grupo, acho que isso é uma bela resposta a uma grande necessidade do coração das pessoas atualmente", analisa.

E como mensagem final, o padre Leandro repete a palavra esperança. "Estamos vivendo um tempo de muitas dificuldades, muitas incertezas, mas não podemos perder a esperança. O Senhor está connosco e temos também irmãos que nós podemos contar, irmãos que podem rezar por nós, então deixo uma mensagem de esperança. Não deixemos que se apague a chama da esperança nos nossos corações."

Novo Banco passa para o BPCE sem mudanças na gestão e sem cortes

BANCA Grupo francês que vai comprar o Novo Banco diz que a gestão está a fazer "um grande trabalho" e afasta despedimentos. Estado e Fundo de Resolução vão receber 1,6 mil milhões de euros, uma pequena parte dos 8,4 mil milhões que investiram no Novo Banco desde 2014.

TEXTO **FILIPE ALVES**

O grupo francês BPCE, que chegou a acordo para adquirir o Novo Banco por 6,4 mil milhões de euros, vai manter a atual administração liderada por Mark Bourke e não pretende fazer reduções de pessoal na instituição, garantiu na sexta-feira o CEO, Nicolas Namias.

A operação deverá estar concluída no próximo ano, após as autorizações regulatórias. O Lone Star, que comprou 75% do Novo Banco em 2017, por mil milhões de euros, vai receber a maior parte do valor pago pelo BPCE, encaixando cerca de 4,8 mil milhões. Já o Estado e o Fundo de Resolução, que partilham os restantes 25% e vão exercer o direito de vender ao mesmo preço que o Lone Star, vão receber 1,6 mil milhões de euros, acrescidos de cerca de 250 milhões em dividendos, razão pela qual o Ministério das Finanças, num comunicado, salientou que, desta forma, se vão recuperar quase dois mil milhões em fundos públicos. Apesar de se tratar de um encaixe significativo, este valor fica bastante abaixo dos mais de oito mil milhões que injetaram no Novo Banco – o antigo "BES bom" – desde 2014 (*ver caixa de texto*).

"Esta é uma aquisição amigável e é a maior fusão bancária transfronteiriça na Europa nos últimos dez anos", salientou o gestor francês numa teleconferência com jornalistas portugueses e estrangeiros. Durante a conversa, que teve lugar na manhã de sexta-feira, 13 de junho, meia hora após o anúncio formal da operação, Nicolas Namias fez questão de referir, por várias vezes, que o BPCE não pretende reduzir o pessoal do Novo Banco e que está em Portugal para "criar valor para a economia portuguesa". A alusão ao tema não terá sido inocente, dado o receio que existia, por parte dos sindicatos e do Governo, de que o Novo Banco fosse adquirido por um concorrente já presente em Portugal, o que levaria a um processo de reestruturação com milhares de rescisões.



DIREITOS RESERVADOS

Nicolas Namias, CEO do grupo francês BPCE.

Nicolas Namias frisou que o BPCE está presente em Portugal há 30 anos, através do banco de investimento Natixis (que tem um centro de serviços partilhados no Porto) e do Primus, mas que nenhuma destas instituições opera nos mesmos segmentos que o Novo Banco, pelo que não haverá redundâncias. Pelo contrário, garantiu, o Novo Banco deverá crescer com mais atividade, que será possibilitada pelas sinergias com outras marcas do grupo BPCE, que é o segundo *player* na área bancária e financeira em França, com ativos na casa dos 1,5 biliões de euros (a título de comparação, o Novo Banco tem 44 mil milhões em ativos, ou seja, o equivalente a 3% do total do grupo francês). "O Novo Banco vai crescer com o *expertise* do BPCE" e com as sinergias com as outras empresas do grupo francês, que está presente também nos seguros, na banca de investimento e na gestão de ativos. "É isso que atualmente faz falta ao Novo Banco", defendeu.

> O BPCE é o segundo maior grupo bancário francês e o quarto maior da Europa, com ativos na ordem dos 1,5 biliões de euros. Valor que compara com apenas 44 mil milhões do Novo Banco. "Há vantagens para um banco em ter um acionista forte", disse o CEO do BPCE.

Namias salientou também, repetidamente, que o BPCE vai manter a atual equipa de gestão do Novo Banco, liderada por Mark Bourke ("está a fazer um grande trabalho") e elogiou o desempenho económico de Portugal.

Questionado se admite mais aquisições em Portugal, o CEO francês respondeu que afasta mais compras em solo luso, até porque "não há outros Novos Bancos". Perguntado se o BPCE pretende colocar o Novo Banco em bolsa, Nicolas Namias respondeu que "o objetivo é comprar 100% do capital", pelo que não fará sentido colocar ações no mercado. "Há grandes vantagens para um banco com o facto de ter um acionista forte", disse.

Estado e FdR recebem 1,6 mil milhões

Desde a resolução do Banco Espírito Santo e da criação do chamado "BES bom", i.e., o Novo Banco, em 2014, o Estado e o Fundo de Resolução injetaram um total de 8,4 mil milhões de euros na instituição, pelo que os 1,6 mil milhões de euros que vão receber cobre uma pequena parte deste valor. A maior *tranche*, de 4,9 mil milhões de euros, foi utilizada pelo Fundo de Resolução, para capitalizar o banco (sendo que, deste montante, 3,9 mil milhões foram emprestados pelo Estado). Outra fatia, de 3,5 mil milhões de euros, foi injetada ao longo de vários anos, no âmbito do acordo de capital contingente que serviu par "limpar" o balanço do banco de créditos malparados herdados do antigo BES. O fundo Lone Star utilizou este mecanismo, que previa que o Estado assumisse as perdas, até ao limite. Recorde-se ainda que, embora o Fundo de Resolução seja financiado por contribuições obrigatórias suportadas pelos bancos que operam em Portugal, é uma instituição pública e os seus resultados têm impacto nas contas públicas. As estimativas feitas em 2014 apontavam para um custo de 35 mil milhões se o o Governo deixasse o BES entrar em liquidação.



PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

No primeiro trimestre, a Iad registou um volume de transações da ordem dos 153 milhões de euros.

Francesa Iad ganha fundos para crescer por aquisição

IMOBILIÁRIO Mediadora quer acelerar expansão em Portugal, onde tem quase mil agentes. Já distribuiu 88 milhões de euros em comissões.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

Com dez anos de operação em Portugal, mercado onde se estreou com um modelo 100% digital – antecipando que a procura de casas iria ter na internet um canal essencial –, a francesa Iad - Imobiliária ao Domicílio prepara-se agora para crescer por aquisição. Com a entrada do fundo norte-americano Insight Partners na empresa, que injetou cerca de 300 milhões de euros, a marca decidiu juntar ao crescimento orgânico a componente aquisição. Foi assim que entrou nos mercados do Reino Unido e da Flórida, que reforçou a sua presença em Itália e Espanha, e agora chegou a vez de Portugal. Como revela Alfredo Valente, CEO da Iad Portugal, "estamos prestes a fechar a primeira operação".

Segundo o gestor, há ano e meio que a Iad está à procura de oportunidades. Para a estreia na nova estratégia de crescimento, a escolha recaiu na região Centro. "Não vamos propriamente comprar uma empresa. O que queremos é aquela equipa e aquele negócio. Queremos aqueles profissionais produtivos e integrá-los na Iad", frisa Alfredo Valente.

"Este ciclo de dez anos provou que viemos para ficar, que o modelo é viável fora de França – não havia nenhum desmaterializado, assente em tecnologias. O passo que se segue é acelerar o crescimento e tornarmo-nos a escolha óbvia de um profissional que queira trabalhar de uma forma contemporânea, mais ágil e compensadora", frisa.

Numa década, a Iad passou de 200 consultores para 984, num crescimento médio de 25% ao ano, frisa Alfredo Valente. No acumulado destes 10 anos a operar em Portugal, a marca distribuiu 88 milhões de euros em comissões, que resultaram de mais de 14 mil transações e de um volume negociado de 2,5 mil milhões de euros. Neste período, somou uma faturação de 111 milhões de euros. Para apoiar os agentes criou 27 polos de formação no país. Refira-se que a Iad França é dona de todas as filiais nos mercados onde opera.



"Este ciclo de dez anos provou que viemos para ficar, que o modelo é viável fora de França."

Alfredo Valente
CEO da Iad Portugal

Em Portugal, a marca fechou o primeiro trimestre do ano com um volume de transações da ordem dos 153 milhões de euros, um crescimento de 63% face ao período homólogo. Esta *performance* é justificada pelo contexto de baixa dos juros e, em menor grau, por um maior dinamismo aquisitivo dos jovens, devido aos apoios à compra da primeira habitação. Nestes três primeiros meses, o preço das casas subiu 6%. Para Alfredo Valente, esta tendência "não vai mudar tão cedo". Os compradores estão agora a procurar casas mais pequenas e mais afastadas dos centros urbanos. Como frisa, "diminuíram a expectativa".

Coldwell Banker tem 1500 casas de luxo à venda em Inglaterra

INVESTIMENTO Compradores internacionais veem país como um destino-refúgio nestes tempos de incerteza.

A Coldwell Banker Portugal firmou uma parceria com a britânica John D Wood & Co., especializada em imóveis *premium* em Londres e Sul de Inglaterra, para promover o mercado residencial de luxo português no Reino Unido. Este acordo materializou-se na oferta de um portefólio exclusivo de 1500 propriedades a compradores britânicos, revela Frederico Abecassis, CEO da marca de origem norte-americana em Portugal. É também uma resposta ao "elevado interesse" destes cidadãos pelo nosso país, "que se agudizou com as alterações no panorama político e fiscal do Reino Unido", afirma.

A parceria foi firmada no início deste ano, período que historicamente não é muito favorável a negócios imobiliários. Mas o setor está em ebulição e as tendências já não são o que eram. Prova disso é que a Coldwell Banker fechou o primeiro trimestre com um volume de vendas de 39,4 milhões de euros, um crescimento de 118% em termos homólogos. A representante em Portugal da marca imobiliária mais antiga do mundo (surgiu em 1906, em São Francisco) fechou 227 transações, um aumento homólogo de 61%. O valor médio ultrapassou os 485 mil euros, mais de 29%.

Segundo Frederico Abecassis, o mercado de luxo representou 39% do volume de negócios da imobiliária no primeiro trimestre, um aumento de 15% face ao mesmo período de 2024. Esta procura por imóveis *premium* foi sustentada por "um equilíbrio entre compradores nacionais e internacionais". Verifica-se "uma continuidade da relevância dos compradores internacionais e um ligeiro aumento da presença de nacionais com maior capacidade de investimento".

O responsável afasta qualquer quebra de interesse entre os investidores estrangeiros. Na sua opinião, "Portugal é cada vez mais visto como um destino-refúgio". E sublinha: "em contextos de incerteza, investidores e famílias internacionais procuram países com estabilidade política, clima ameno, bons sistemas de saúde e segurança". Neste início do ano, a Coldwell Banker sentiu particular procura de norte-americanos, espanhóis, britânicos, brasileiros e franceses.



"Investidores e famílias internacionais procuram países com estabilidade política, clima ameno, bons sistemas de saúde e segurança."

Frederico Abecassis
CEO da Coldwell Banker Portugal

Sintra, Cascais, Lisboa, Ponta Delgada e Amadora foram as cidades onde a Coldwell Banker mais transações fechou. Abecassis adianta que se observou um reforço de Sintra e Cascais nas posições cimeiras e a entrada da Amadora no *top*-5, confirmando "a crescente valorização de zonas com boa acessibilidade e uma oferta habitacional mais competitiva".

A venda do Paço dos Ribafria, em Sintra, imóvel de grande valor patrimonial e arquitetónico, cuja história remonta ao século XVI, e de uma moradia no centro de Cascais, com 600 metros quadrados, piscina e vista de mar, adquirida por um casal de ingleses, foram as transações mais emblemáticas da marca neste arranque do ano. **S.S.P.**

Alexandre Lefebvre

"Defendo uma visão do liberalismo que enfatiza a liberdade e a justiça"

ENTREVISTA Professor de Política e Filosofia na Universidade de Sydney, o canadiano Alexandre Lefebvre é autor do livro 'Viver como um liberal' (Gradiva), no qual reflete sobre o sentido original de uma ideologia que tem tido interpretações várias ao longo dos tempos.

TEXTO **LEONÍDIOPAULO FERREIRA**



DAVID BRADDON - MITCHELL

No seu Canadá natal, o Partido Liberal está associado à esquerda; na Austrália, onde vive, é um partido de direita. Pode, afinal, quase tudo ser liberal ou o termo é hoje usado em excesso?

Ótima pergunta! Tem razão em salientar o quão escorregadio é o termo. Na verdade, parece significar coisas completamente diferentes dependendo do local onde se posiciona: centro-direita na Austrália, centro-esquerda no Canadá, bem à esquerda nos Estados Unidos e bem à direita em França. Dito isto, não acho que o termo seja vazio. Estas diferentes versões enfatizam diferentes aspetos da tradição liberal, e as discussões entre elas partem de acordos significativos. Se eu tivesse de identificar os compromissos fundamentais que se deve partilhar para ser chamado "liberal", seriam a liberdade, a justiça e a reciprocidade. O ponto principal do meu livro, no entanto, é que o liberalismo não é apenas uma ideologia política; é a água em que nadamos, moldando tudo, desde as nossas instituições à nossa vida privada. Portanto, embora "liberal" possa, de facto, ser utilizado em excesso em campanhas políticas, creio que é subestimado como uma força civilizacional.

Filosoficamente, o que define um liberal?

Um liberal vê a sociedade como um sistema justo de cooperação – onde cada pessoa, considerada livre e igual, procura a sua própria conceção de uma vida boa, respeitando os direitos e as oportunidades dos outros para fazerem o mesmo. Esta visão moral estende-se além da política. O liberalismo é muitas vezes reduzido a quadros jurídicos ou economias de mercado, mas acredito que o seu verdadeiro poder reside em moldar uma sensibilidade geral. Um liberal é alguém que valoriza a autonomia, a reciprocidade, o pluralismo e a justificação pública – não apenas na vida cívica, mas também na amizade, no trabalho, no amor, na educação dos filhos, no humor e muito mais.

"Liberal parece significar coisas completamente diferentes dependendo do local onde se posiciona: centro-direita na Austrália, centro-esquerda no Canadá, bem à esquerda nos Estados Unidos e bem à direita em França. Dito isto, não acho que o termo seja vazio."

Como é que um liberal vive e vê o mundo? Gostaria de ouvir o seu testemunho pessoal.

O liberalismo, para mim, não é algo que eu simplesmente afirme nas urnas – forma a arquitetura da minha vida interior. Não sou religioso, mas encontro no liberalismo uma orientação espiritual: um modo de ser que preza a generosidade, a autolimitação, a autodeterminação pessoal e, para ser honesto, um certo tipo de ironia gentil. Viver à altura destas qualidades nem sempre é fácil. Além disso, muitas delas – como a modéstia, o pluralismo e a contenção – são virtudes silenciosas. No entanto, são também fontes de profunda alegria. O liberalismo ensina-me que não preciso de procurar significado noutro lugar. Ele já está aqui, nas instituições em que vivo e na cultura que respiro. A tarefa não é fugir, mas viver mais deliberadamente dentro delas.

Em Portugal, o termo liberal foi durante muito tempo utilizado para descrever o lado da guerra civil da primeira metade do século XIX que se opunha à monarquia absoluta. Será que estes liberais do século XIX, que defendiam a separação de poderes e algum distanciamento entre o Estado e a Igreja, mas não garantiam o direito ao voto às mulheres, nem combatiam as desigualdades sociais, merecem mesmo o rótulo político de liberais?

Sim, acredito que sim – mas com o entendimento de que o liberalismo é uma tradição, não um modelo fixo. Os primeiros liberais eram frequentemente elitistas e cegos às injustiças estruturais. No entanto, a sua ideia central – de que a ordem política deveria servir a todos, em vez de santificar o privilégio de poucos – abriu caminho à crítica interna. O liberalismo cresce através da autocorreção. As lutas atuais pela igualdade de género e pela justiça económica não são afastamentos do liberalismo, mas antes aprofundamentos do mesmo. Portanto, sim, esses primeiros liberais tinham defeitos, mas plantaram sementes que ainda estamos a cultivar.

Existe hoje alguma sociedade que se aproxime mais do ideal liberal?

O meu livro defende uma visão do liberalismo que enfatiza a liberdade e a justiça – ou, como prefiro dizer, que se baseia no significado original de "liberal" liberdade e liberalidade. Para mim, as sociedades com generosas provisões sociais e fortes proteções sociais aproximam-se mais de um ideal liberal. De uma forma mais ampla, porém, independentemente da sua po-

"John Rawls é central no meu livro, não apenas como filósofo, mas como moralista – alguém que articulou um modo de vida baseado na reciprocidade e na justiça."



sição liberal específica (direita, esquerda ou centrista), o liberalismo não visa concretizar a utopia, mas sim criar uma estrutura onde indivíduos diversos possam coexistir sem dominação. Alguns países aproximam-se melhor disto do que outros: aqueles com proteções de direitos robustas, eleições justas, judiciais independentes e culturas de respeito mútuo. No entanto, mesmo nestes locais, o liberalismo continua frágil. O verdadeiro teste de uma sociedade liberal é a forma como trata os dissidentes, as minorias e aqueles que perdem batalhas políticas. Neste aspeto, nenhum país se pode dar ao luxo de ser complacente.



VIVER COMO UM LIBERAL
Alexandre Lefebvre
Gradiva
312 páginas

Poderá uma sociedade liberal ter de adotar políticas antiliberais para se defender?

Esta é a questão mais difícil do liberalismo. No meu livro, defendo que um modo de vida liberal inclui ferramentas de autodisciplina – formas de autodisciplina e raciocínio público – para se proteger contra as tentações autoritárias. Mas quando estas falham, sim, um Estado liberal pode ser forçado a adotar medidas antiliberais para se preservar. Isto é menos uma contradição do que uma tragédia. O perigo é que as exceções se tornem a regra. Assim, embora as medidas defensivas possam por vezes ser justificadas, devem ser sempre cuidadosamente examinadas à luz dos princípios liberais de necessidade, proporcionalidade e reversibilidade futura.

"O liberalismo, para mim, não é algo que eu simplesmente confirme nas urnas — forma a arquitetura da minha vida interior. Não sou religioso, mas encontro no liberalismo uma orientação espiritual: um modo de ser que preza a generosidade, a autolimitação e a autodeterminação pessoal."

A ideia de democracia iliberal é uma contradição?

Não, não acredito que seja uma contradição. Na verdade, compreender por que é que não o é é essencial para compreender tanto o passado como o futuro do liberalismo. O liberalismo surgiu no século XIX, e os seus primeiros defensores – como Alexis de Tocqueville e John Stuart Mill – reconheceram tensões importantes com a democracia. Considere o seguinte: os direitos individuais, a separação de poderes, a neutralidade judicial, o Estado de Direito – todas instituições liberais características – são explicitamente antimajoritárias. São concebidas para proteger os indivíduos dos excessos democráticos. Por que é que isso ainda é importante? Quando olho para o mundo de hoje – na Europa, na Índia ou nos Estados Unidos – vejo o liberalismo e a democracia a divergir. Os regimes populistas são democracias genuinamente iliberais: Viktor Orbán abraça abertamente esta descrição. Portanto, não, não creio que a democracia iliberal seja uma contradição – nem, aliás, o liberalismo antidemocrático (sendo Singapura um caso relevante). No entanto, a minha esperança é de que o liberalismo e a democracia naveguem nas suas tensões atuais e encontrem uma forma de funcionar como um todo, como uma verdadeira democracia liberal.

Como liberal, tem alguma figura histórica que admire muito?

Muitas. John Rawls é central no meu livro, não apenas como filósofo, mas como moralista – alguém que articulou um modo de vida baseado na reciprocidade e na justiça. Admiro também profundamente figuras que viveram existencialmente o liberalismo: Montaigne, pela sua ironia e modéstia; Harriet Taylor e John Stuart Mill, pela sua coragem moral; e Tocqueville, pela sua clareza sobre os riscos e recompensas do liberalismo. Acrescentaria também uma personagem fictícia: Leslie Knope, de *Parks and Recreation*. Ela personifica o idealismo, a misantropia e o humor do liberalismo – tudo ao mesmo tempo.

Como tem sido a reação ao seu livro? Os países de língua inglesa parecem estar mais interessados em debater o liberalismo?

A receção tem sido excelente, fico feliz por dizer. É um livro académico que conseguiu entrar em conversas mais amplas. Isto só é possível porque o terreno já estava preparado. Estamos atualmente num momento crucial, como já referi anteriormente, em que o liberalismo e a democracia se podem separar. Sobretudo nos países de língua inglesa, há tanto um cansaço com o liberalismo, como um apetite renovado para o redescobrir – não apenas como um sistema de governação, mas como um *ethos* pessoal. Suspeito que isto também se aplica a outros locais. Afinal, os valores em jogo – liberdade, pluralismo, reciprocidade – não são exclusivamente anglófonos. Falam universalmente sobre o desafio de viver juntos num mundo complexo e pluralista.

Fim de semana de violência e protestos nos EUA

CONVULSÃO Foram mais de 2000 as localidades que receberam protestos contra a Administração Trump, numa semana que ficou marcada pelo ataque a dois senadores democratas – um dos quais acabaria por falecer. O lema "*No kings in America*" soou mais alto

TEXTO **MARGARIDA VAQUEIRO LOPES**

Nada acontece por acaso, muito menos os protestos que no passado sábado encheram as ruas de centenas de cidades nos EUA. No dia 14 de junho celebrou-se o 250.º aniversário do Exército norte-americano – e também o 79.º aniversário de Donald Trump –, um momento que foi marcado pelo desfile militar que juntou milhares de soldados, dezenas de tanques e centenas de veículos blindados... uma verdadeira parada militar – durante a qual, garantiu Turmp, se houvesse protestos, estes seriam enfrentados "com mão pesada" – a fechar uma semana onde a violência marcou o compasso.

Na madrugada de sábado, foi oficialmente divulgado que a congressista Melissa Hortman e o marido foram assassinados, dentro da própria casa, num tiroteio com "motivação política". Também o senador estadual John Hoffman e a mulher, Yvette, foram baleados e encontram-se ainda no hospital a recuperar dos ferimentos, que não foram mortais. O suspeito destes atentados já foi identificado, mas continuava em fuga até ao fecho desta edição – a caça ao homem continuava, numa operação de grande envergadura montada pelas autoridades policiais.

Mas apesar de a Administração Trump repetir que "violência não será tolerada", a escalada de tom nos confrontos entre manifestantes e a polícia que o presidente norte-americano enviou para conter os primeiros protestos, em Los Angeles, parece indicar precisamente o contrário.

Foi neste clima de celebração, por parte do Exército e da Casa Branca, que do outro lado da barricada se ergueram as vozes de quem se insurge contra as políticas autoritárias de Donald Trump. Legisladores, líderes sindicais e ativistas discursaram em cidades como Nova Iorque, Filadélfia e Houston, perante multidões que agitavam bandeiras americanas e cartazes críticos de Trump. Personalidades mais ou menos conhecidas, influenciadores, figuras ligadas à política saíram à rua em manifestações organizadas pelo movimento "*No kings in America*", ou "não há reis na América": um grito de revolta e de oposição.

> O nome "*No Kings*" dos protestos refere-se às críticas de que Trump ultrapassou os limites do poder presidencial no seu segundo mandato.

Nos últimos dias, Trump tem estado envolvido num braço de ferro com o governador da Califórnia, Gavin Newsom, que considera "abuso de poder" o envio da Guarda Nacional e dos *Marines* para conter os protestos contra as rusgas do Immigration and Customs Enforcement (ICE) levadas a cabo contra imigrantes ilegais, e que acabaria por culminar nos protestos que aconteceram em todos os estados.

Uma das maiores multidões foi registada na cidade de Los Angeles, na Califórnia, precisamente onde os líderes e as forças de segurança têm estado em alerta máximo durante dias de protestos, por vezes violentos, contra uma série de rusgas de deportação. No sábado, José Azetcla, membro do grupo de direitos civis Boinas Castanhas, disse à BBC em Los Angeles que foi a imigração que o levou para as ruas. "Não é duro, é mau. Não se separam famílias", defendeu.

Apesar de esta ser a maior manifestação de protestos desde que Trump foi reeleito, as sondagens indicam que as suas políticas de imigração continuam a ser amplamente populares entre o público. Uma sondagem da CBS/YouGov realizada na semana passada e citada pela BBC, dava conta de que 54% dos americanos aprovam a sua política de deportação de imigrantes que se encontram ilegalmente nos EUA – 46% desaprovam-na.

Uma pluralidade de americanos (42%) disse que o programa de Trump os estava a tornar mais seguros e 53% disseram que ele estava a dar prioridade à deportação de criminosos perigosos.





FOTOS EPA / WILL OLIVER

Milhões de manifestantes terão saído à rua durante o dia de sábado, nos EUA, segundo a organização '*No kings in America*'.

Arábia Saudita. Jornalista detido desde 2018 foi executado

CRIME Assim como Jamal Khashoggi, assassinado dentro do consulado saudita na Turquia, Turki Al-Jasser fez acusações de corrupção contra a realeza saudita.

Turki Al-Jasser, um reconhecido jornalista saudita que estava detido desde 2018, condenado por terrorismo e traição, foi executado na Arábia Saudita, informou ontem, 15 de junho, a autoridade deste país, enquanto grupos de ativistas afirmam que as acusações contra o jornalista foram forjadas.

Turki Al-Jasser foi condenado à morte um dia antes, de acordo com a Agência de Imprensa Saudita oficial, depois de a pena de execução ter sido confirmada pelo tribunal superior do país. De acordo com a agência Associated Press, não ficou claro onde decorreu o seu julgamento, nem quanto tempo durou.

Em 2018, as autoridades sauditas invadiram a casa de Al-Jasser, prendendo-o e apreendendo o seu computador e telefones.

O Comité para a Proteção dos Jornalistas (CPJ), sediado em Nova Iorque, adiantou que as autoridades sauditas sustentavam que Al-Jasser estava por trás de uma conta na rede social X que fazia acusações de corrupção contra a realeza saudita. Al-Jasser teria também feito várias publicações controversas sobre grupos militantes e seus membros.

O diretor do programa do CPJ, Carlos Martínez de la Serna, condenou a execução e disse que a falta de responsabilidade na sequência do assassinato do colunista do *Washington Post* Jamal Khashoggi no consulado saudita, em Istambul, em 2018, "permite a perseguição contínua de jornalistas no reino".

"O fracasso da comunidade internacional em fazer justiça para Jamal Khashoggi não traiu apenas um jornalista", disse o responsável, acrescentando que "encorajou o príncipe herdeiro *de facto*, Mohammed bin Salman, a continuar sua perseguição à imprensa".



DIREITOS RESERVADOS

Imagem de Turki Al-Jasser divulgada nas redes sociais aquando da notícia da sua morte.

Uma equipa de assassinos sauditas matou Jamal Khashoggi no consulado, em Istambul. Os serviços secretos norte-americanos concluíram que o príncipe herdeiro saudita ordenou a operação, mas o reino insiste que o príncipe não esteve envolvido no assassínio.

Al-Jasser manteve um blogue pessoal de 2013 a 2015 e era conhecido pelos seus artigos sobre os movimentos da Primavera Árabe que abalaram o Médio Oriente em 2011, os direitos das mulheres e a corrupção.

A Arábia Saudita tem sido alvo de críticas por parte de grupos de defesa dos Direitos Humanos devido aos seus números e métodos de aplicação da pena capital, incluindo decapitações e execuções em massa.

Em 2024, as execuções na Arábia Saudita aumentaram para 330, de acordo com ativistas e grupos de defesa dos Direitos Humanos, uma vez que o reino continua a reprimir firmemente a dissidência.

No mês passado, um analista britânico do Bank of America foi condenado a uma década de prisão, aparentemente por causa de uma publicação nas redes sociais, desde então excluída, de acordo com o seu advogado.

Em 2024, as execuções na Arábia Saudita aumentaram para 330, de acordo com ativistas e grupos de defesa dos Direitos Humanos, uma vez que o reino continua a reprimir firmemente a dissidência.

DN/LUSA



Opinião
Raúl M. Braga Pires

Etiópia: uma clínica para burros e a importância destes na economia local – tudo, em tempos de Armagedão!

De acordo com as Nações Unidas, a Etiópia deverá ter a maior população de burros do mundo. Um em cada cinco, deverá ter "nacionalidade" etíope e serão nove milhões de burros de carga, para 130 milhões de dependentes no fornecimento de água, cereais, lenha, materiais de construção e aspirinas, por exemplo, mas só com receita médica!

O *Donkey Sanctuary*, perto do *Merkato* de Addis Ababa, trata-se de uma "caridade britânica", na tradução literal e no modelo de cooperação. Ou seja, não é caridade, é política, e da boa, já que permite a normalidade entre humanos, acudindo às bestas! Sem causarem ruído, a "caridade britânica" acolhe, trata os animais gratuitamente e aconselha os donos a como procederem no futuro, para este "imobilizado da empresa" durar mais uns quilómetros!

No exemplo de um cliente habitual, chamemos-lhe Manuel, Mohamad em árabe, ganha a vida com dois burros de carga, cujas albardas vão carregadas de grão. Quando os burros têm ambos tracção às quatro, consegue lucros entre 1,5 dólares e 3 dólares diários.

Segundo o Banco Mundial, as vitórias das economias domésticas, na Etiópia, contabilizam-se, ao final do dia, entre os que conseguiram os 2,15 dólares mínimos que separam quem está na franja da sociedade e quem está na "franja da franja" da mesma! São os mínimos, dos quais todos os manuéis dependem, de um animal bem calçado.

Este santuário veio facilitar a vida aos animais e criar novos hábitos nos donos, que, a cada três meses, encontram desculpa para passarem pelo *Merkato* e levarem o seu meio de produção à revisão! Ou também, indicarem o caminho da clínica ao animal, ao primeiro coxear, ou à primeira dor de barriga.

Antes, quem sofria era sobretudo o animal, negligenciado na dor e no tratamento, tinham curas com tratamentos aplicados à base de facas, garfos e colheres. Desse arrepio, que não é de frio, já se livraram.

São 83% de uma população rural que fica menos longe do centro.

Depois há ainda o árido e o montanhoso, que há muito estariam desertos, não fossem séculos de transumância deste quadrúpede mediterrânico, que sempre carregou a ambição humana pela conquista às costas, acompanhando-nos para onde quer que fossemos.

Este cenário, das distâncias, dos lucros miseráveis e das "unhas dos pés" cortadas à faca, da soma do sofrimento do homem com o do animal, paradoxalmente lembrou-me a futilidade dos influenciadores que agora debitam sobre "a filosofia do estoicismo"!

Se lerem este texto, não vão perceber que o estoicismo é burro!

Politólogo/arabista
www.maghreb-machrek.pt
Escreve de acordo com a antiga ortografia

Quem é a deputada brasileira incluída na lista da Interpol?

JUSTIÇA Condenada pelo Supremo Tribunal Federal a dez anos de prisão por *hackear* o sistema de justiça, a bolsonarista Carla Zambelli fugiu para Roma, mas deve ser obrigada a voltar ao Brasil em breve.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**,SÃO PAULO,-BRASIL



DIREITOS RESERVADOS

Carla Zambelli tem uma longa história de casos polémicos.

"Queria anunciar que estou fora do Brasil há alguns dias", anunciou em vídeo gravado ao ar livre, a 3 de junho, a deputada Carla Zambelli, condenada 20 dias antes a dez anos de prisão por ter invadido o sistema *online* do Conselho Nacional de Justiça com a ajuda de um *hacker*. Embora sugerisse estar em Itália, bastaram duas horas a um *YouTuber* especialista em geolocalização para descobrir que, pelas palmeiras atrás dela, pelas matrículas dos carros em circulação e pelos prédios em forma de K nas imediações, a foragida estava no estacionamento da farmácia Galt Ocean Drive, em Fort Lauderdale, EUA.

A detenção só não foi efetuada imediatamente porque a parlamentar do PL, partido de Jair Bolsonaro, ainda não constava, como hoje, da lista vermelha da Interpol, a polícia criminal internacional. Agora, já em Roma, onde pretendia permanecer a longo prazo beneficiando da dupla cidadania italiana e brasileira, Zambelli viu Alexandre de Moraes, juiz do Supremo Tribunal Federal (STF), decretar prisão preventiva e bloqueio de passaportes, salários, contas bancárias, redes sociais, bens móveis e imóveis.

A bolsonarista procurou então o apoio de Hugo Motta, presidente da Câmara dos Deputados, mas não foi bem-sucedida. Motta, do Republicanos, um partido próximo do PL, informou que vai cumprir a decisão do STF e declarar a suspensão do mandato sem submeter o assunto ao plenário. "Quando há uma conclusão de julgamento do STF, não cabe mais ao presidente da Câmara colocar isso em votação, porque já há a condenação, a decisão judicial tem que ser cumprida."

Nem ao bolsonarismo Zambelli pode recorrer: desde que na véspera da segunda volta das eleições de 2022 perseguiu de arma em punho um apoiante de Lula da Silva pelas ruas de São Paulo, Bolsonaro rompeu relações com a fiel adepta, responsabilizando-a pela derrota do dia seguinte. Aliás, três juízes do STF já formaram maioria pela condenação da deputada a mais cinco anos e três meses de prisão por porte e emprego ilegal de arma de fogo, mas outro magistrado pediu um adiamento de 90 dias para análise do processo.

Perseguir eleitores de Lula de arma em punho e fugir para o estrangeiro para não cumprir pena de prisão são, entretanto, apenas os episódios mais recentes de uma carreira pública atribulada. Zambelli, 44 anos, começou por integrar, em 2010, o grupo feminista radical Femen, antes de fundar anos depois o movimento Nas Ruas a pedir o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff e de se aproximar da extrema-direita brasileira. Ao lado de Bolsonaro, foi eleita deputada federal em 2018 e reeleita, como terceira mais votada do país, em 2022.

Perseguir eleitores de Lula de arma em punho e fugir para o estrangeiro para não cumprir pena de prisão são, entretanto, apenas os episódios mais recentes de uma carreira pública atribulada de Zambelli.

No Parlamento somou casos controversos como a acusação a Jean Wyllys, deputado do esquerdista PSOL, de pedofilia, em 2018. Condenada a pagar 40 mil reais (cerca de 6500 euros), pediu uma "vaquinha *online*" aos apoiantes. Em 2019, uma reportagem da revista *Veja* revelou que o filho da parlamentar ingressou num colégio militar sem passar pelo normal processo de seleção de candidatos e, no ano seguinte, publicou trechos bíblicos *online* onde insinuava que a morte de Gustavo Bebianno, um dissidente do bolsonarismo, fora castigo divino. Primeiro amiga, mas depois rival, da também ex-bolsonarista Joice Hasselmann, foi alvo de um processo por quebra de decoro parlamentar por lhe chamar Peppa numa alusão ao desenho animado de uma porquinha.

Na pandemia, disse que no Ceará o número de mortos por covid-19 estaria inflacionado e que o estado, governado pelo PT, enterrava caixões vazios, o que lhe valeu novo processo. Nesse contexto, disse ter sido curada de covid pelo uso de hidroxicloroquina, um medicamento que Bolsonaro recomendava, mas sem eficácia científica contra a doença, antes de ser desmentida pelo hospital particular DF Star onde se tratou. "Após extensa investigação clínica (...) a deputada não teve infeção por covid-19 (...), mas sim diagnóstico de endometriose", disse a direção clínica numa nota.



Opinião
Elise Racicot

80 anos após a Libertação da Europa: a parceria transatlântica entre o Canadá e a Europa continua relevante e necessária

2025 marca o 80.º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial na Europa, momento de vitória dos Aliados que significou o regresso de mais de um milhão de soldados canadianos que lutaram pela liberdade e pela democracia.

Dito isso, o sacrifício dos mais de 45.000 canadianos que não regressaram a casa não foi em vão. Para defender o papel da diplomacia, da cooperação internacional, dos Direitos Humanos e da prevenção de futuros conflitos, o Canadá desempenhou um papel central na construção da ordem internacional pós-guerra, tornando-se membro fundador das Nações Unidas e da NATO.

Hoje, essa ordem internacional baseada em regras enfrenta talvez os maiores desafios dos últimos 80 anos: tensões geopolíticas crescentes, rivalidades económicas e tecnológicas cada vez mais acentuadas, e mudanças profundas nas alianças e instituições multilaterais. A estes somam-se ameaças furtivas, como a desinformação, os ciberataques, além do ressurgimento de conflitos armados e a crescente crise climática.

Neste cenário, a solidariedade entre parceiros que partilham valores democráticos é mais crucial do que nunca. O Canadá e a Europa – e, em particular, o Canadá e Portugal – com uma História comum e uma proximidade política consolidada, devem continuar a aprofundar a sua cooperação para preservar um espaço de estabilidade, previsibilidade, Estado de Direito, prosperidade e paz. O apoio contínuo e o compromisso que ambos temos com a Ucrânia é um reflexo dessa vontade comum.

A parceria Canadá-Europa tem-se modernizado e diversificado. O Acordo Económico e Comercial Global (CETA, na sigla inglesa), entre o Canadá e a União Europeia, impulsionou trocas comerciais mais abrangentes, dinâmicas e mutuamente benéficas. Desde então, o comércio bilateral de bens entre os nossos dois países quase quadruplicou. O CETA tem promovido o investimento, a mobilidade de profissionais, exímia investigação científica e a colaboração em áreas estratégicas como a energia limpa, a economia azul e os setores da defesa e aeroespacial. Em virtude da intensificação dos laços económicos foi até criada a Câmara de Comércio Portugal-Canadá em 2024, sediada em Lisboa.

No domínio da defesa e segurança, as relações entre o Canadá e Portugal têm vindo a aprofundar-se significativamente, nomeadamente com o aumento das parcerias entre as cadeias de valor dos dois países. Exemplos disso são a nossa colaboração com a Força Aérea Portuguesa na modernização e aquisição de aeronaves, a recente missão portuguesa de cibersegurança no Canadá e a *call* de 10 milhões de euros lançada pela Agência Nacional de Inovação para o setor aeroespacial, com foco no Canadá.

Tal como Portugal, também o Canadá é um país de vocação marítima. Ambos os países, que partilham uma fronteira Atlântica, demonstram a vontade de reforçar a vigilância e cooperação nos oceanos, incluindo no Ártico – uma região de crescente relevância geoestratégica. A título de exemplo, a recente missão do submarino português *Arpão* nas águas árticas canadianas foi apoiada pela Marinha Real Canadiana. Fragatas canadianas pararam em portos portugueses com frequência nos últimos anos, enquanto desenvolvemos mais cooperação bilateral em termos de salvamento e resgate no Atlântico.

Este reforço da cooperação operacional e estratégica ocorre num momento em que o Canadá reafirma o valor da sua parceria com a União Europeia, com um investimento histórico superior a 9 mil milhões de dólares canadianos nas suas Forças Armadas e com a meta de alcançar já este ano, cinco anos antes do que era previsto anteriormente, os 2% do PIB esperados no compromisso transatlântico. O Primeiro-Ministro Mark Carney declarou recentemente a ambição de o Canadá integrar o programa europeu *ReArm Europe* até 1 de julho, Dia Nacional do Canadá. Estas dinâmicas criam novas oportunidades para a indústria de ambos os países. O Canadá está igualmente empenhado em aprofundar as suas relações com a UE e os Estados-membros, com especial foco em áreas como minerais críticos, inovação e investigação, diversificação comercial e resposta a emergências – prioridades que estarão em destaque na próxima Cimeira Canadá-UE, agendada para 23 de junho.

> **“Comemorar a Libertação da Europa é honrar o passado, mas também recordar que essa solidariedade histórica continua a ser necessária e inspiradora. Relembra-nos que os desafios de hoje e de amanhã devem ser enfrentados em conjunto.”**

Face aos riscos climáticos que afetam as nossas comunidades, Canadá e Portugal multiplicaram iniciativas conjuntas, nomeadamente no combate a incêndios florestais, onde os dois países se comprometem a partilhar recursos e a cooperar na gestão destes incêndios. E vale a pena relembrar que em 2023, o Canadá recebeu com muita gratidão os 140 bombeiros portugueses, que nos socorreram durante o pior período de incêndios alguma vez vivido no Canadá.

Comemorar a Libertação da Europa é honrar o passado, mas também recordar que essa solidariedade histórica continua a ser necessária e inspiradora. Relembra-nos que os desafios de hoje e de amanhã devem ser enfrentados em conjunto.

A parceria entre o Canadá e a Europa – e entre o Canadá e Portugal – assenta em valores partilhados, numa História comum e numa vontade coletiva de defender uma ordem internacional estável, aberta e baseada em regras.

Num mundo em transformação, esta relação transatlântica, fortalecida por iniciativas bilaterais concretas, permanece um pilar essencial da segurança, prosperidade e resiliência das nossas sociedades. O Canadá continuará a trabalhar com os seus parceiros europeus para preservar este legado e adaptá-lo às exigências do presente e do futuro.

Embaixadora do Canadá

João Varandas Fernandes

"Se Luís Filipe Vieira se candidatasse, apoiava-o, sem dúvida"

BENFICA Numa entrevista a que pode ver hoje em *www.dn.pt*, o antigo vice-presidente de Luís Filipe Vieira faz duras críticas à atual direção. "É uma desgraça a política de contratações e a gestão do plantel", diz ao DN.

TEXTO **FILIPE ALVES**

O médico e professor universitário João Varandas Fernandes, que foi vice-presidente do Sport Lisboa e Benfica durante nove anos, na direção liderada por Luís Filipe Vieira, faz uma avaliação muito crítica da atual situação do clube e da presidência de Rui Costa. Não se revê em nenhum dos candidatos anunciados, por não ver uma estratégia que combine uma boa gestão financeira com bons resultados desportivos. Se Luís Filipe Vieira decidisse voltar e avançar com uma candidatura, apoiá-lo-ia, garante.

Como vê a situação do clube?

Como sabe, saí há quatro anos e apoiei a candidatura do Rui Costa, que era a continuidade. Na minha opinião, o clube tem um problema de gestão financeira, de gestão de recursos humanos, na política de contratações e transferências e, ainda, um problema de desempenho desportivo e de comunicação com os próprios adeptos. Escalpelizando de uma forma sintética, na gestão financeira, a despesa corrente e a dívida aumentaram significativamente nos últimos quatro anos. Os recursos financeiros hoje são escassos e existem dificuldades em competir com outros clubes, quer a nível nacional, quer a nível internacional. Mais a nível internacional, até. E esses recursos escassos afetam a capacidade de investir em jogadores e em infraestruturas. A gestão dos recursos humanos é um desastre completo. Há profissionais muito competentes que estavam a trabalhar no SLB e que, por sua decisão, abandonaram o clube. Vou-lhe dar exemplos: o Pedro Mil-Homens, que estava no Centro de Estágio do Seixal, e o Pedro Ferreira, do *Scouting*, abandonaram o Benfica. E isso nunca tinha acontecido. O próprio Luís Mendes, que foi trazido pelo atual presidente, também abandonou o Benfica. E, obviamente, tem havido um recrutamento dos jogadores que, pelos valores que são anunciados, não correspondem às expectativas. E, por outro lado, tem havido a venda de jogadores importantes que reduzem a competitividade em relação ao plantel. Portanto, é uma desgraça a política de contratações e a gestão do plantel, na minha opinião. Vou-lhe dar três exemplos, pragmatizando: Jurásek custou 14 milhões, foi emprestado ao Hoffenheim, não joga; Arthur Cabral, recente, custou 25 milhões ao Benfica, dois anos depois é vendido por 12 milhões, em que o clube fica com 10 milhões. Ou seja, há dois milhões, que é natural, que servem para pagamento da formação e das comissões. Kaboré, outro jogador do Benfica, lateral direito, veio do Manchester City por empréstimo, em agosto, e foi devolvido em janeiro. Outra questão, em relação à gestão do plantel. Para mim existe uma grande dúvida na relação entre o Bruno Lage e o Di María. Há uma grande dúvida sobre isso – ninguém esclarece que há ali problemas. Já se percebeu que há. Agora, que tipo de problemas? Não sei. Desempenho desportivo nos últimos quatro anos. Um campeonato. Exibições de altos e baixos. Perfeitamente intermitentes. Comunicação com os adeptos é frustrante. Há um descontentamento grande. Repare, o nosso clube, que tem mais sócios e adeptos a nível nacional, não lidera nas redes sociais. Há uma ausência nas redes sociais que é dramática. Há aqui um conjunto de condições em que, na minha opinião, o Benfica, neste próximo ato eleitoral, vai decidir verdadeiramente qual é o seu futuro, respeitando o passado.



REINALDO RODRIGUES

Neste momento há três candidatos assumidos [João Diogo Manteigas, João Noronha Lopes e Cristóvão Carvalho, aguardando-se ainda a decisão de Rui Costa]. Qual é o seu?

Eu não tenho candidato, como sabe. Vou-lhe fazer uma análise muito direta sobre isto. Os candidatos que são conhecidos, para mim, trazem um vazio de ideias e um vazio de soluções. Para mim, um candidato ao Benfica deve preocupar-se, todo o tempo, com o clube, ser um profissional. Não interessa o que se passa na casa dos rivais, não vale a pena comentar os outros clubes. E não se pode confundir nem entrevistas que são dadas com os comentadores. Um candidato a presidente do Benfica é alguém que tem de estar acima disso. O Benfica é a principal instituição desportiva em Portugal. Há outras equipas importantes, mas é a principal. E, portanto, quem quiser estar nos órgãos sociais do Benfica tem de estar à altura. Depois, há uma outra questão em relação àquilo que me dizem, em relação aos candidatos – há aqui uma questão que gostaria de revelar: os sócios já tomaram conhecimento de que não é um milhar e pouco de sócios, nas assembleias-gerais que podem decidir o futuro do clube. Estamos em 2025. O voto eletrónico apresenta desafios e riscos, é verdade, mas devem ser implementadas medidas de segurança robustas e realizar testes rigorosos para garantir a integridade do próprio sistema. Agora, na realidade, apresenta mais vantagens em relação ao sistema de votação tradicional, como por exemplo, maior participação, acessibilidade a atos eleitorais, e pode ter acessibilidade às assembleias-gerais, pode ser alargado o universo dos benfiquistas, maior transparência de resultados, são mais rápidos.

Mas espera que surja uma alternativa ou até pondera protagonizar essa alternativa?

Não, não, não... Neste momento, ainda estamos a quatro meses e meio, ainda há tempo. Acho que não pode haver precipitações, porque é de uma grande responsabilidade. É de uma grande responsabilidade ser candidato ao Sport Lisboa e Benfica, não só a presidente como a membro dos órgãos sociais. Conforme lhe disse, é uma grande marca, é uma marca que tem de ser potenciada, é uma marca que tem de ter uma estratégia muito bem definida e tem de ter um objetivo, quer no curto prazo, quer no longo prazo. O que lhe posso dizer é o seguinte: o Benfica já teve presidentes de grande nível. O último presidente, antes do Rui Costa, deu prova de resultados financeiros. Em seis anos consecutivos deu resultados positivos. Foi o presidente mais titulado da história do clube. Foi o único tetra. Por acaso falhámos o penta, enfim, por algumas vicissitudes, alguns azares e por alguma falta de estratégia também, mas fomos a duas finais europeias, ganhámos 22 títulos a nível do futebol profissional. As modalidades gastavam metade do que gastam hoje e ganhavam.

Se Luís Filipe Vieira quisesse voltar, apoiava-o?

Não sei se ele quer voltar.

Mas apoiá-lo-ia, se voltasse?

Se o Luís Filipe Vieira voltasse, obviamente, com o passado que ele tem no Benfica, iria com certeza apoiá-lo. As infraestruturas, a recuperação que foi feita no património histórico, o museu, a Benfica TV, o estádio, o centro de estágios... Portanto, quem vier tem de vir com os objetivos muito bem definidos, que é fortalecer a marca, investir nas infraestruturas, desenvolver os jovens talentos na sua academia, dominar o campeonato português e conquistar uma *Champions League*.

Haverá um trabalho difícil do lado dos custos. O Benfica é todo um ecossistema, com várias empresas, o apoio aos antigos atletas e às suas famílias...

Sim, mas há possibilidades de aumentar as receitas. O caminho tem de ser pelo lado da receita e não por cortar. O Benfica tem de ter uma gestão de sucesso com responsabilidade social. O Benfica é um clube que tem uma responsabilidade social enorme. E isso deve ser mantido.

PUBLICIDADE

SOLUÇÕES EMPRESAS

Investir no seu negócio? Nós começamos.



Na Caixa, acreditamos que um bom começo faz toda a diferença. Por isso, criámos uma solução de boas-vindas que impulsiona o seu negócio desde o primeiro dia:

- Conta pacote Caixa Business gratuita durante um ano*;
- Crédito com condições atrativas (desconto no spread e isenção da comissão de estudo e contratação);
- Gestão de liquidez descomplicada e remunerada.

Saiba mais junto de um gestor Caixa Negócios ou Caixa Empresas, ou consulte cgd.pt.

*Para novos clientes se a adesão ocorrer até 31/12/2025.
O valor atual da comissão mensal de manutenção de conta pacote é de 8,32€ com imposto de selo incluído.

Caixa. Com o Banco certo ao seu lado, a sua empresa cresce.

Caixa Geral de Depósitos, S.A., registada junto do Banco de Portugal sob o n.º 35.

Ser ou não ser 'queer', eis a questão

CINEMA Consagrado pelo sucesso de *Chama-me Pelo Teu Nome*, Luca Guadagnino consegue com a sua nova realização, *Queer*, a proeza admirável de adaptar uma obra de William S. Burroughs que desafia, ponto por ponto, as formas correntes de abordagem das sexualidades humanas — o filme estará nas salas a partir de quinta-feira.

TEXTO **JOÃO LOPES**



Daniel Craig como protagonista de *Queer*: isto não é James Bond...

É is um filme realmente excecional: revelado no Festival de Veneza de 2024, *Queer*, do italiano Luca Guadagnino, está a chegar às salas portuguesas (a partir de quinta-feira). Devemos, aliás, começar por tomar à letra a sua excecionalidade: num tempo de proliferação de espetáculos "ligeiros" para um público cada vez mais seguidista, desinformado e infantilizado, *Queer* é mesmo uma exceção, capaz de lidar com as convulsões do romance do americano William S. Burroughs (1914-1997) em que se inspira para construir uma narrativa genuinamente adulta – e para adultos.

Daí que devamos prestar a devida atenção ao modo como, no genérico de abertura, Guadagnino refere a sua inspiração. *Queer* não surge como um filme "baseado no romance de William S. Burroughs", mas sim "baseado no romance homónimo de William S. Burroughs". Mera questão de fraseado? Nada disso. Guadagnino distancia-se da utilização corrente da palavra "*queer*" como bandeira de qualquer militância *gay* e, nessa medida, de defesa do direito à diferença dos homossexuais.

Não que tudo isso lhe seja indiferente. Bem pelo contrário: *Queer* é, por certo, um dos filmes mais belos, e também mais complexos, que já se fizeram sobre uma personagem homossexual. Acontece que, além de Burroughs nunca se ter afirmado como militante do que quer que fosse, não faria sentido instrumentalizá-lo e diluí-lo nas convulsões ideológicas e mediáticas do século XXI, já que o "romance homónimo" foi escrito no começo da década de 1950, precisamente a época em que decorre a sua ação, embora fosse necessário esperar por 1985 para existir uma edição válida.

Realismo e artifício

Guadagnino quis mesmo reencontrar alguma da sensibilidade visual e narrativa daquela época, e não apenas através dos tradicionais elementos de "reconstituição". A quase totalidade das filmagens decorreu nos velhos estúdios da Cinecittà, em Roma, apostando em modelos de encenação capazes de reencontrar um peculiar misto de realismo (nos pormenores) e artifício (na teatralidade da encenação). Em jogo está a redescoberta da vibração carnal de um cinema que os efeitos especiais da Marvel & C.ª fizeram esquecer aos espectadores do presente – daí a importância da prodigiosa direção fotográfica de *Queer*, assinada pelo tailandês Sayombhu Mukdeeprom, colaborador regular de Guadagnino, também responsável, por exemplo, pelas imagens de *As Mil e Uma Noites* (2015), de Miguel Gomes.

Entenda-se: não estamos perante uma banal imitação formalista. Guadagnino procura uma sensualidade das matérias – a começar pelos corpos humanos – que a digitalização compulsiva do nosso mundo tende a anular.

Numa entrevista dada ao *site* IndieWire (8 dez. 2024), Guadagnino resume assim o projeto: "Concebemos o filme, não como um drama de época, mas sim uma visualização da imaginação de William S. Burroughs." Nessa medida, o cinema consegue "jogar com o espaço como um espelho, uma caixa de ressonância e uma tela que nos permite sentir melhor o poder de uma relação."



Que relação é essa? William Lee, a personagem central interpretada pelo genial Daniel Craig (distante, escusado será sublinhá-lo, do seu trabalho, também invulgarmente subtil, como James Bond), ecoa muitas atribulações da existência do próprio Burroughs, da pulsão homossexual, até à dependência de drogas pesadas.

Aliás, a paixão de Lee pelo jovem Eugene Allerton (Drew Starkey) desemboca mesmo num cenário de pesadelo em que Lee mata Eugene quando, com uma pistola, tenta acertar num copo equilibrado na sua cabeça – a cena evoca o acidente trágico em que, sob o efeito de várias drogas, Burroughs matou a sua mulher Joan Vollmer, em 1951, na Cidade do México, vindo a ser condenado com dois anos de pena suspensa.

Na apresentação da edição de 1985, Burroughs é mesmo levado à "conclusão chocante de que não teria sido escritor sem a morte de Joan." Essa morte colocou-o em contacto com "o espírito do Mal", levando-o a uma estratégia de "resistência" que não lhe deixou outra escolha que não fosse o ato de "escrever", de se "libertar através da escrita." Na introdução à edição do 25.º aniversário do romance, em 2010, o académico britânico Oliver Harris fala mesmo de um "autorretrato" em que Burroughs se exprime através do "ódio por si



Rodagem de *Queer*: Luca Guadagnino (*ao centro*), com Drew Starkey e Daniel Craig.



Drew Starkey e Daniel Craig: reinventando o romance de William S. Burroughs.

mesmo, assombrado tanto pela recordação da morte, como pelo masoquismo do desejo."

A fusão dos corpos

Seria, por isso, simplista, porventura moralista, reduzir a paixão de Lee por Eugene a uma parábola contemporânea sobre o amor homossexual como "bandeira" do que quer que seja. Nos cenários marginais da Cidade do México (na mesma época em que ocorreu a morte de Joan Vollmer), o que Lee vive é a solidão radical de uma pulsão que o faz habitar o desejo interminável de se fundir com o corpo e o espírito de Eugene. Aliás, a ideia de fusão adquire formas visceralmente cinematográficas, já que Guadagnino recupera algo que, há muito tempo, não víamos de forma tão elaborada, e também tão delicada, num ecrã de cinema. A saber: a sobreposição de imagens ("*double exposure*" no vocabulário anglo-saxónico), por vezes acompanhada de algumas formas de distorção, como matéria de figuração da impossível fusão dos corpos.

Nesta perspetiva, *Queer* pode suscitar uma aproximação simbólica de *O Amor Louco*, de André Breton (1896-1966), publicado em 1937. Seja como for, o eventual rótulo de "surrealista" é escasso para situar a herança de Burroughs, afinal indissociável dos tempos e das obras da *Beat Generation* e do seu caldeirão de experimentação literária e protesto político, exemplarmente consagrado nos escritos de Jack Kerouac (1922-1969) e Allen Ginsberg (1926-1997). Na sua longa revisitação da génese da escrita de Burroughs, Oliver Harris recorda mesmo o papel decisivo de Kerouac e Ginsberg no acompanhamento de Burroughs na fase final de escrita do romance, até porque "escusado será dizer que a década de 1950 era um período perigoso para a publicação de um romance intitulado *Queer*."

Ser ou não ser *queer* surge, assim, como uma questão fantasmática que assombra a personagem de Lee, tal como descrita por Burroughs e filmada por Guadagnino. Na cena de abertura, vemo-lo mesmo a olhar para um jovem algo assustado por se descobrir "objeto" de um desejo que não consegue decifrar – num misto de curiosidade e sofrimento, Lee abre o filme dizendo-lhe: "Tu não és *queer*..."

Importa, por isso, não cometer o pecado de recobrir o labor de Guadagnino com o rótulo de uma militância mercantil para venda em rituais mediáticos dos mais medíocres "*talk shows*". A sua aproximação do universo de Burroughs decorre de uma agilidade narrativa que não se submete a modas panfletárias. Nem sequer a calendários lineares – para nos ficarmos pelo início de *Queer*, lembremos que no respetivo genérico escutamos a maravilhosa interpretação de Sinéad O'Connor da canção *All Apologies*, cujo original pertence ao álbum final dos Nirvana, *In Utero*, lançado em 1993 (a versão de O'Connor surgiu um ano mais tarde, no álbum *Universal Mother*).

No limite, aquilo que Guadagnino encena é a trágica insensatez do amor como demanda (de algum outro, palpável e desconhecido). De tal modo que Lee vive num estado de permanente revolta, tecida da mais cruel angústia, contra aquilo que Burroughs designa como o "tribunal do real" – como ele escreve, "o tribunal do real recusou o seu apelo de misericórdia".

Sexo e amor

O capítulo final de tudo isto – a procura do "*yagé*", a droga que Lee (e Burroughs) acreditava existir como uma redenção milagrosa, algures nas florestas da América do Sul – transfigura o filme numa parábola da selva que evoca, não sem uma calculada ironia, algum cinema de aventuras de Série B (da produção dos anos 50, precisamente).

No epílogo, deparamos com a transfiguração física que se adivinha desde o primeiro momento: Lee surge como "duplo" do próprio Burroughs, não por acaso evocando a imagem do escritor, num pequeno papel, no filme *Drugstore Cowboy* (1989), de Gus Van Sant. O cruzamento simbólico de tudo isto pode ainda remeter-nos para outra notável adaptação de Burroughs – *Naked Lunch* / *O Festim Nu* (1991), de David Cronenberg – em que a figura de Peter Weller, numa outra personagem de nome Lee (no fundo, a mesma), surge tratada a partir da pose e dos retratos do escritor. Pormenor nada secundário: tanto Cronenberg como Guadagnino tratam a clássica máquina de escrever como peça orgânica da intimidade de Lee.

Tal como em *Chama-me Pelo Teu Nome* (2017), o filme que conferiu a Guadagnino uma inusitada projeção internacional, *Queer* é menos sobre a violência emocional que a entrega sexual pode convocar e mais sobre a descarnada solidão que nela se revela. Em boa verdade, a exaltação das solidões partilhadas de Lee e Eugene arrasta o reconhecimento da irredutibilidade de cada corpo, muito para lá do "rótulo" sexual que a cultura dominante lhes possa colar. Citando alguém que foi para ele uma inspiração, Lee diz a Eugene: "Aprendi que o meu o dever era viver e carregar orgulhosamente o meu fardo, para que todos me vissem a vencer a ignorância, o preconceito e o ódio com conhecimento, sinceridade e amor."

LUCA GUADAGNINO X 3

***EU SOU O AMOR* (2009)**



É um dos filmes em que Guadagnino filmou essa atriz inclassificável que é Tilda Swinton, neste caso interpretando a mãe de uma família riquíssima a viver uma crise existencial que desemboca numa inesperada vertigem amorosa – o título provém da ária "*La Mamma Morta*", da ópera *Andrea Chénier* (1896), de Umberto Giordano (na voz de Maria Callas).

***SUSPIRIA* (2018)**



Objeto algo marginal na filmografia de Guadagnino, eis uma fascinante adaptação do título homónimo de Dario Argento, datado de 1977, referência lendária do cinema de terror italiano ("*giallo*"). A agilidade criativa do autor revela-se através da capacidade de cruzar a herança cinéfila com as singularidades da admirável banda sonora original, composta por Thom Yorke.

***WE ARE WHO WE ARE* (2020)**



Guadagnino a experimentar o universo das minisséries (oito episódios, com chancela da HBO), tendo como ponto de partida uma ideia do escritor italiano Paolo Giordano. No cenário inesperado de uma base militar americana (fictícia) em território italiano, deparamos com o retrato contundente de dois adolescentes a viverem a solidão de uma geração à deriva.

LIVROS DA SEMANA

Cinco minutos na Mongólia com o papa Francisco

A convite do Vaticano, o escritor espanhol Javier Cercas viajou com o santo padre. Ateu confesso, "investigou" o líder da Igreja Católica numa espécie de biografia a que chamou *O Louco de Deus no Fim do Mundo*.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

O escritor Javier Cercas não começa o seu mais recente livro, *O Louco de Deus no Fim do Mundo*, com "era uma vez", mas não anda distante, como se pode ler: "Tudo começou a 21 de maio de 2023, em Turim". O autor espanhol conta que estava a dar autógrafos no Salão do Livro e um responsável da sua editora informa-o de que tem um representante do Vaticano à sua espera. A partir dessa nona linha, a narrativa de Cercas expande-se por 485 páginas, num registo de não-ficção que em muito faz lembrar o seu sucesso *Anatomia de Um Instante* , só que numa entrega à investigação sobre o papa Francisco. Desta vez não há uma tentativa de golpe de Estado, como em *Anatomia*, antes Cercas dedica-se a compreender o papa recém-falecido. Diga-se que a morte de Bergoglio coincidiu com o lançamento de *O Louco de Deus*, ambas situações do passado mês de abril.

Só também Javier Cercas pode começar o seu livro sobre um papa com a seguinte declaração, em jeito de introdução: "Sou ateu. Sou anticlerical. Sou um laico militante, um racionalista resistente e um ímpio rigoroso." Em seguida acrescenta o objetivo do livro: "No entanto, aqui estou a voar para a Mongólia com o idoso representante de Cristo na Terra." Sim, Cercas aceitara o convite que o representante do Vaticano lhe fizera em Turim. E continua com as revelações sobre a razão de um ateu aceitar um tal convite: "Embarquei neste avião para perguntar ao papa Francisco se a minha mãe encontrará o meu pai após a sua morte e dar-lhe essa resposta." Para tal, só necessita de cinco minutos com Francisco, repete.

Poder-se ia dizer que não se justificaria escrever quase 500 páginas para ser capaz de ter, por parte do papa, uma ajuda no esclarecimento que a sua mãe deseja sobre a hipótese de existir a ressurreição. No entanto, esse é o motivo que o escritor apresenta para seguir em frente e, no final, entregar ao leitor uma biografia de Bergoglio e de Francisco em que tudo é questionado e contado. Daí fechar essa justificação inicial com uma espécie de trocadilho com o título: "Sou um louco sem Deus a perseguir um louco de Deus até ao fim do mundo."



EL LOCO DE DIOS EN EL FIN DEL MUNDO
Javier Cercas
Random House
485 páginas



Imagem do encontro de Javier Cercas com o papa Francisco no Vaticano antes de viajar para o fim do mundo.

Este livro é uma "recaída" sobre a ascendência em Javier Cercas, pois *Anatomia de Um Instante* devia a sua existência por querer entender a mentalidade da geração de seu pai, enquanto este estava a morrer. Desta vez, é a mãe que está a aproximar-se da morte e que não deseja morrer sem a certeza de que reencontrará o marido quando falecer. Cercas, piedoso, oferece esta justificação para avançar na sua investigação sobre uma das figuras da Igreja Católica que mais marcaram o século XXI. Aceita-se a desculpa da mãe, mas pressente-se que o escritor quer descobrir o papel da Igreja, entender por que tantos acreditam no seu Deus, o que sustenta o enorme edifício da fé católica e, principalmente, quem é aquele religioso argentino vindo de tão longe para ser o primeiro papa jesuíta e sul-americano.

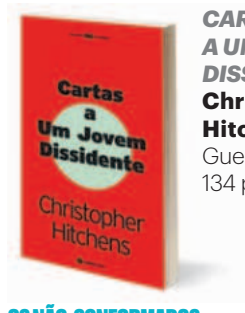
A biografia de Francisco é o que mais interessa a Javier Cercas e, para a desenhar, aceitará o estranho desafio de acompanhar o papa numa deslocação à Mongólia, um dos países do mundo em que os católicos são uma imensa minoria, apenas com uma promessa que não sabe se será cumprida: conversar com o santo padre sobre a pergunta da mãe. De capítulo em capítulo vai adiando qualquer revelação sobre a concretização, ou não, desse desejo; vai adensando as conjeturas sobre o Vaticano, a Cúria, os padres sem poderes e perdidos pelos cantos do mundo, a par dos cardeais importantes e decisores que habitam em Roma. Para fazer este exame à fé, que é o grande objetivo deste *Louco de Deus*, Cercas deambula por todo o cenário da Igreja Católica e, de forma criteriosa, utiliza o papa como o foco de luz que o pode iluminar e, ao mesmo tempo, desenhando a biografia possível de Francisco. O ateu Cercas não aceita uma explicação, busca várias opiniões e investiga tudo o que poderá esconder os mistérios que quer esclarecer. De vez em quando recorda o pedido da mãe, mas o que faz é agir como um detetive que procura respostas para esclarecer um dos maiores mistérios que existe entre os seres humanos: a fé.

Daí que, além da biografia do papa, inscreva a sua autobiografia enquanto questionador da religião, e a vá expondo num relato de cronista e num inquérito de ensaísta, transformando Francisco no protagonista que permite esclarecer essas dúvidas. O cenário que lhe permite esta grande investigação é a viagem à Mongólia que o Vaticano lhe oferece e na qual nunca existirá a promessa de ter direito aos cinco minutos de conversa com Bergoglio. Javier Cercas mantém esse *suspense* ao longo de todo o livro, enquanto vai descascando as várias camadas da Igreja e de como o papa Francisco lida com a instituição e a pretendeu mudar. Sem querer estragar surpresas, pode dizer-se que as três últimas páginas compensam de forma brilhante toda a curiosidade que se instalou no leitor sobre a demanda de Javier Cercas em nome da mãe!

O Louco de Deus no Fim do Mundo vem provar o talento de Javier Cercas, já reconhecido com traduções em mais de 30 línguas de obras como *Soldados de Salamina*, prémios internacionais e membro da Real Academia Espanhola.

Este livro terá a tradução portuguesa em setembro pela Porto Editora.

LANÇAMENTOS



CARTAS A UM JOVEM DISSIDENTE
Christopher Hitchens
Guerra & Paz
134 páginas

OS NÃO-CONFORMADOS

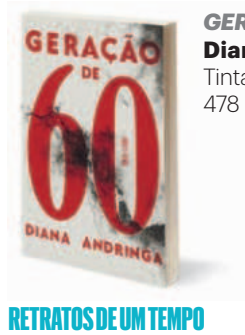
Desaparecido antes do tempo, Hitchens nunca pactuou com situações que têm vindo a moldar o mundo nos últimos anos, e este livro – que replica um título de Rilke – é a prova dessa atitude de inconformismo. A coleção de dissidentes e de dissidências que reúne nestas páginas é um ótimo exemplo de como se pode estar contra e, ao mesmo tempo, do lado certo da História.



LEVAREI O FOGO COMIGO
Leïla Slimani
Alfaguara
405 páginas

O FIM DA TRILOGIA

Após o primeiro volume, *O País dos Outros*, e um segundo, *Vejam como Dançamos*, Leïla Slimani entrega aos leitores o terceiro volume, *Levarei o Fogo Comigo*, de uma saga familiar que a tem vindo a inspirar. Desta vez calha à terceira geração da família o protagonismo, dando a Mia e a Inès o fôlego com que começara a peregrinação dos pais e da sua história perante a História.



GERAÇÃO DE 60
Diana Andringa
Tinta da China
478 páginas

RETRATOS DE UM TEMPO

A recolha de dezenas de entrevistas e de testemunhos para um programa de televisão acabou por ter, anos depois, direito a uma narrativa em forma de livro. Afinal, o que melhor regista os depoimentos de uma época tão censurada será sempre a página impressa, mesmo que digam ser uma imagem igual a mil palavras, porque o que se fala por estas folhas não pode ser esquecido.

PUBLICIDADE

menshealth.pt

PORTUGAL Men'sHealth

OBJETIVO VERÃO
MUDE O SEU CORPO
FAÇA OS NOSSOS MELHORES EXERCÍCIOS!
- PERCA PESO SEM DEIXAR DE COMER
- FIM ÀS DORES NAS COSTAS
- SIX-PACK DEFINIDO ANTES DE IR À PRAIA

EM BUSCA DA IMAGEM PERFEITA
Reportagem MH
TRATAMENTOS PARA DEIXAR DE SER CARECA
DENTES DE CINEMA NA TURQUIA?
REVERTER OS CABELOS BRANCOS
Concurso de capa

Men'sHealth GUIA DE FÉRIAS
DE PORTUGAL A ZANZIBAR

Men'sHealth COACH
MUDE O CORPO ANTES DO VERÃO
GRÁTIS 8 PLANOS DE TREINO

GRÁTIS
SUPLEMENTO FITNESS
EDIÇÃO MAIO/JUNHO

Men'sHealth
menshealthportugal @menshealthportugal @menshealthportugal



TIAGO PETINGA / LUSA

Manifestações de solidariedade semelhantes decorreram também em Coimbra e no Porto.

Centenas saem à rua para condenar violência

APOIO Ontem, as proximidades do Teatro A Barraca, em Lisboa, receberam centenas de pessoas que mostraram a sua solidariedade com o ator Adérito Lopes, agredido na terça-feira por um grupo ligado à extrema-direita.

Centenas de pessoas concentraram-se ontem, durante a tarde, em frente ao Teatro A Barraca, em Lisboa, em solidariedade com o ator Adérito Lopes, agredido na terça-feira por um grupo ligado à extrema-direita. Sob o lema "Não queremos viver num país do medo", a concentração contra o racismo e a violência foi organizada por diversas estruturas da sociedade civil, coletivos artísticos e associações, entre as quais a SOS Racismo, A Plateia e os Artistas Unidos, com iniciativas semelhantes a decorrerem em Coimbra e no Porto.

Com cartazes nas mãos e palavras de ordem contra a discriminação, os manifestantes foram ocupando o Largo de Santos, num ambiente marcado por indignação e solidariedade ao mesmo tempo.

Adérito Lopes, ator da companhia A Barraca, foi agredido na passada terça-feira, Dia de Portugal, por um grupo de extrema-direita quando se preparava para entrar no espetáculo *Amor é fogo que arde sem se ver*, uma homenagem a Camões, com entrada livre.

> Palavras de ordem, cartazes mais ou menos divertidos e a mesma certeza no olhar: é hora de dizer não à violência que tem crescido no país.

Em declarações à Lusa, a diretora da companhia, a atriz e encenadora Maria do Céu Guerra, relatou que a agressão ocorreu por volta das 20h00, quando os atores chegavam ao Cinearte, no Largo de Santos.

Junto à entrada, cruzaram-se com "um grupo de neonazis com cartazes e panfletos", com frases xenófobas, que inicialmente começaram por provocar uma das atrizes.

Na quarta-feira, o Ministério Público confirmou à agência Lusa a abertura de um inquérito para investigar os acontecimentos. **DN/LUSA**



Opinião
Rui Frias

Não é ideologia, é economia

A crise demográfica e de natalidade no Mundo Ocidental é, como sabemos, um fator intimamente ligado às políticas migratórias que, nos últimos anos, fizeram encher o barril de pólvora populista com que nos confrontamos hoje. Sem capacidade (ou vontade) de assegurar uma classe média robusta e feliz, a economia de mercado ocidental alargou, nas últimas décadas, distâncias entre os extremos da pirâmide social e deixou grande parte dos jovens adultos sem condições para se independentizarem, quanto mais criar família.

Ora, esta baixa taxa de natalidade em países desenvolvidos tem sido precisamente instrumentalizada como uma bandeira ideológica da direita populista e conservadora, que ganha tração a nível global. Acenam-se teorias conspiratórias, como a da "Grande Substituição", e evocam-se reflexos de uma crise moral ou cultural, associando a crise demográfica ao declínio de valores tradicionais, como o casamento e a família.

Nesta última semana, precisamente no mesmo dia 10 de Junho em que o discurso da escritora Lídia Jorge fez eriçar tantas reações nacionalistas, passou quase incógnito um relatório publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) sobre a Situação da População Mundial em 2024. Intitulado *A Verdadeira Crise de Fecundidade*, o documento destaca a queda sem precedentes nas taxas de natalidade, de 3,3 filhos por mulher em 1990 para 2,3 em 2024, com mais da metade dos países abaixo do nível de reposição de 2,1 filhos por mulher. E a causa mais apontada pelas mais de 14 mil pessoas inquiridas, em 14 países, nada teve a ver com ideologia: 39% dos entrevistados citam limitações financeiras como a principal barreira para ter o número de filhos desejado.

O relatório da UNFPA também é claro a desacreditar a maioria das chamadas políticas pronatalistas promovidas pelos regimes conservadores populistas, como restrições ao aborto e à contraceção ou a introdução de cheques-oferta por cada nascimento, alertando que tais abordagens podem violar direitos reprodutivos e são ineficazes, como demonstrado pelo fracasso de países como a Hungria em elevar significativamente sua taxa de fertilidade. Ao invés, as principais recomendações do relatório incluem o investimento em habitação acessível, promoção de trabalho digno e estável, reforço das licenças parentais e da conciliação entre vida familiar e profissional, creches gratuitas, acesso universal à saúde reprodutiva e políticas inclusivas que apoiem todos os tipos de famílias, incluindo mães solteiras, casais não-casados e famílias não-tradicionais, reconhecendo a diversidade das estruturas familiares.

O problema, conclui, não está na diferença entre os desejos individuais e os objetivos do Estado, mas sim em políticas públicas que não estão alinhadas com as necessidades reais das pessoas. Não é ideologia, é (sobretudo) economia.

Editor do Diário de Notícias

DN

Conselho de Administração Bernardo Penas Belo (Presidente), Luís Figueiredo de Barbedo Trindade, Kevin King Lun Ho, Vítor Manuel Almeida Santos de Menezes e António Manuel Mendes Ferreira **Direção** Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** Nuno Silva **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Efraim Tavares **Direção Comercial** Daniel Barata, Pedro de Almeida Lima (Coordenador) **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002 56980